

CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

27

OUTUBRO 2013
www.candido.bpp.pr.gov.br

Literatura em cena

Nesta e na próxima edição, Cândia mapeia as principais cenas literárias do país, com matérias e inéditos de autores de diversas regiões do Brasil

▪ Um Escritor na Biblioteca **Marcelo Backes** ▪ Poema **Roberto Prado** ▪ Making of **O encontro marcado**

EDITORIAL

Que o Brasil não conhece o Brasil, não é novidade. O que acontece nos confins dessa imensidão territorial muitas vezes fica restrito aos limites do próprio rincão. Isso também diz respeito à literatura. O que aparece, e acontece, em São Paulo e no Rio de Janeiro, é apenas parte de um todo. Os suplementos de cultura dos jornais e as revistas de ampla circulação, talvez por necessidade comercial, acabam divulgando a agenda, os lançamentos das grandes editoras e os autores reconhecidos por prêmios ou por frequentar espaços com holofotes. Isso é, mais do que eventual crítica, apenas constatação: o sistema literário é assim.

Mas a literatura brasileira é mais, muito mais, do que aquilo que tem eco na imprensa, nas festas e acontecimentos literários. Devido a essa questão, o **Cândido** decidiu abrir espaço para outras cenas que existem, e acontecem, no Brasil.

Nesta e na edição de novembro serão publicadas dez reportagens a respeito de dez cidades brasileiras — além de inéditos de autores que vivem nesses locais. Para abrir a série, jornalistas de Belém (PA), Recife (PE), Porto Alegre (RS), Londrina (PR) e Fortaleza (CE) produziram conteúdos mapeando o que, literariamente, acontece em suas cidades, recuperando movimentos passados e apontando nomes, obras e movimentos nem sempre lembrados no Sudeste e, por consequência, no restante do país.

O que está publicado nesta edição, e o que aparecerá na do mês que vem, não é um mapa definitivo de cada cena, mas um recorte que, se não contempla todos os autores e obras, apresenta manifestações que acontecem e obtêm alguma ressonância.

A equipe do **Cândido** espera que esse material possa contribuir para o mapeamento e a visibilidade da plural literatura brasileira, neste ano homenageada na Feira de Frankfurt, na Alemanha, mas ainda, infelizmente, um tanto distante do cotidiano dos próprios brasileiros.

Boa leitura.

CARTUM Arnaldo Branco



BIBLIOTECA AFETIVA

Divulgação



José e Pilar – conversas inéditas, de Miguel Gonçalves Mendes, é um retrato íntimo de José Saramago e Pilar Del Río na forma de um bate-papo sobre os mais diversos assuntos — a casa em Lanzarote, o encontro entre os dois, convicções políticas, morte, etc. Escritor e obra se misturam e o resultado é o universo desse senhor de mais de 80 anos com sua visão de mundo tão cheia de compaixão e de sua companheira, que não poderia ter um nome mais adequado. Provavelmente, um dos livros mais sensíveis e que mais mexeram comigo nos últimos tempos.

Layse Moraes é jornalista e mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Escreve sobre o universo literário para o site da revista TPM e mantém o blog Coração nonsense (coracaononsense.blogspot.com). Vive em Londrina (PR).

Divulgação



Quando criança, o primeiro contato que lembro ter tido com a literatura foi através de uma edição infantojuvenil do livro de Daniel Defoe, *As aventuras de Robinson Crusoe*. Sem muito prisma por uma leitura analítica, envolvi-me de forma simples com a história do naufrago, vivendo junto dele seus 28 anos, 2 meses e 19 dias em Trinidad. Mais tarde, já aos 15 anos, decidi retomar a leitura que por muito tempo foi meu carro-chefe da infância e, junto da versão integral, deparei-me com uma obra muito mais complexa e reflexiva, que apesar de uma grande aventura, suscita grandes pensamentos e análises sobre temas como a solidão, a fé, a lucidez e a perseverança. “Pobre Robinson Crusoe”, como diria seu companheiro, o papagaio Poll, foi um personagem que me iniciou na literatura e até hoje continua comigo.

Mellissa R. Pitta é estagiária de jornalismo na Biblioteca Pública do Paraná, escritora e leitora nas horas vagas. Vive em Curitiba.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Thais Reis Oliveira, Guilherme Magalhães e Mellissa R. Pitta.

Fotografia:

Kraw Penas e Guilherme Pupo.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Eliana Barros e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Alexandre Lucchese, Alexandre Gaioto, Alan Santiago, Arnaldo Branco, Bruno Liberal, Carlos Correia, Diego Grandó, Fellipe Canalli, Fúlvio Pacheco, Gustavo Paim, Índio San, Juliana Meira, Karen Debértolis, Marco Jacobsen, Nicholas Pierre, Pedro Salgueiro, Rafael Rodrigues, Raphaelle Batista, Robson Vilalba, Ruy Barata Neto e Schneider Carpegiani.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Prêmio Paraná de Literatura recebe quase 850 inscrições

A Biblioteca Pública do Paraná (BPP) divulgou o número de concorrentes à segunda edição do Prêmio Paraná de Literatura, que teve inscrições encerradas em 31 de julho. No total, foram enviados 841 livros inéditos, divididos em três categorias: Poesia — Prêmio Helena Kolody (399), Romance — Prêmio Manoel Carlos Karam (205) e Contos — Prêmio Newton Sampaio (237). Autores de todos os Estados do Brasil

e do Distrito Federal, além de brasileiros residentes em vários países do exterior, enviaram trabalhos. Os Estados com mais participantes são, pela ordem, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O resultado do concurso será divulgado na primeira quinzena de dezembro. O vencedor de cada categoria receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pelo selo Biblioteca Paraná, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seus livros e poderão reeditar os títulos comercialmente. As obras concorrentes serão avaliadas por uma comissão julgadora formada por um presidente e nove membros (três em cada categoria).

Rafael Coutinho ministra oficina de Roteiro de HQ



O quadrinista Rafael Coutinho, autor das *graphic novels* *O beijo adolescente* e *Cachalote* (em parceria com Daniel Galera) ministra a quarta edição das “Oficinas BPP de Ilustração” neste ano. Voltada para o Roteiro de Histórias em Quadrinhos, a oficina acontece entre os dias 21 e 23 de outubro, das 14h às 18h. Para se inscrever, é necessário encaminhar um breve currículo e um esboço de HQ, de no máximo duas laudas, na resolução de 72 dpi para o e-mail oficina@bpp.pr.gov.br até 15 de outubro. Serão selecionados 20 participantes.



Michel Laub encerra temporada do projeto em 2013

Marcado para 6 de novembro, o encontro com o autor gaúcho Michel Laub encerra a temporada 2013 do projeto Um Escritor na Biblioteca, que traz mensalmente à BPP autores da literatura contemporânea brasileira para falar sobre sua relação com as bibliotecas e sua trajetória literária. Laub publicou recentemente seu sexto romance, *A maçã envenenada*. É autor do premiado *Diário da queda*, entre outros. O bate-papo terá mediação de Flávio Stein e acontece no Auditório Paul Garfunkel, às 19 horas. A entrada é franca.



Assunção, Venturelli e Sanches na berlinda

Autores nascidos ou radicados no Paraná estão entre os finalistas de importantes prêmios literários. Com o livro *A voz do ventiloquo*, Ademir Assunção (foto) — paulista

de Araraquara que se formou intelectualmente em Londrina e vive em São Paulo — está entre os que disputam o Prêmio Jabuti na categoria poesia. Já o catarinense radicado em Curitiba Paulo Venturelli disputa, com o livro *Visita à baleia*, o Jabuti na categoria infantil. No Prêmio Portugal Telecom, Miguel Sanches Neto, escritor que mora em Ponta Grossa, concorre na categoria romance com o livro *A máquina de madeira*. Os resultados devem ser divulgados a partir de novembro.

A prosa de Garcia Lopes

O londrinense Rodrigo Garcia Lopes assinou contrato com a editora Record para lançar, em 2014, seu romance policial, *O trovador*, obra na qual ficou trabalhando durante os últimos sete anos. A longa narrativa

em prosa é ambientada em Londrina, Rolândia, Londres e Escócia, e se passa no ano de 1936. Mais conhecido pela produção poética, que inclui, entre outros, os livros *Solarium* (1994), *Visibilia* (1996), *Nômada* (2004) e *Estúdio realidade* (2013), Garcia Lopes também é cantor, compositor e tradutor. Este ano, ele é um dos jurado do Prêmio Paraná de Literatura na categoria poesia.



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

Fotos: Guilherme Pupo

Marcelo Backes



Há pelo menos uma tendência no mercado editorial brasileiro, que é a publicação, e a consequente badalação, do chamado autor jovem. A antologia *Granta — Os melhores jovens escritores brasileiros*, publicada ano passado, com textos de 20 autores com menos de 40 anos, evidenciou esse filão. De fato, há inúmeros autores de 30 a 40 anos sendo publicados no país, inclusive pelas maiores e mais importantes editoras e, entre eles, uns poucos conseguem se sobressair, como é o caso do gaúcho Marcelo Backes, de 40 anos. Ele participou da sexta edição do projeto “Um escritor na Biblioteca” em 2013 e contou, em detalhes, como foi sua formação de leitor, inicialmente realizada em uma biblioteca de uma escola de Campina das Missões, município de seis mil habitantes no interior do Rio Grande do Sul. Backes formou-se em jornalismo e fez mestrado em literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para em seguida viajar para a Alemanha, onde realizou doutorado. Apesar dessa formação, ele não se tornou professor universitário: é tradutor e autor de obras de ficção. “Sempre quis ser escritor, sempre me vi como escritor e sempre escrevi literatura. Desde os sete anos queria ser escritor e, devido a circunstâncias diversas e por uma espécie de autocritica exagerada a qual eu agradecerei até o fim dos tempos, demorei para publicar literatura”, comentou Backes, durante o bate-papo mediado pelo jornalista e tradutor Christian Schwartz. Backes é autor dos livros *A arte do combate — A literatura alemã em cento e poucas chispas poéticas e outros tantos comentários* (2003), *Estilhaços* (2006), *Maisquememória* (2007), *Três traidores e uns outros* (2010) e *O último minuto* (2013), sendo este um romance que trata, entre outras questões, do universo do futebol. O escritor falou sobre o seu envolvimento com a literatura alemã, confessou que se sente próximo do estilo de Heinrich Heine, antecipou que o seu próximo romance terá como título *A casa cai* e será ambientado em grande parte no Rio de Janeiro. Além disso, admitiu que a atividade de tradução teve reflexos em sua escrita literária — Backes já verteu do alemão para o português obras de Bertold Brecht, Franz Kafka, Ingo Schulze, Karl Marx, entre outros. “Cheguei à conclusão de que, provavelmente, a tradução tenha funcionado para mim como uma espécie de oficina literária que não fiz. Me dei conta de que já tinha traduzido cerca de 30 livros, com uma média de 300 páginas, e que isso deu, com certeza, mais de dez mil páginas escritas, reescritas. Você pode ser o escritor mais estúpido do mundo, mas se você não aprender a escrever depois de redigir dez mil páginas de escritores que são cânones da literatura alemã ou selecionados entre os grandes escritores contemporâneos, desista da profissão de uma vez por todas.” Confira, a seguir, os principais momentos do bate-papo.

CAMPINA DAS MISSÕES

Minha formação de leitor está vinculada diretamente às minhas origens que, não sei em que medida, são peculiares. Essa formação dependeu muito de uma biblioteca localizada no interior de um município minúsculo do Rio Grande do Sul, chamado Campina das Missões, que hoje em dia tem seis mil habitantes. Nasci não na sede municipal, mas no interior mais distante de Campina das Missões, quase na fronteira com a Argentina, às margens do Rio Uruguai. Lá, obviamente, só havia uma escola pública que, felizmente, era muito boa, assim como geralmente elas são no Sul do Brasil. Estudei os primeiros oito anos nessa escola e, até hoje, sou conhecido um pouco folcloricamente por ter lidos todos os livros da biblioteca da escola.

LER, COMER E DORMIR

Até os 13 anos, minha rotina era ler, comer e dormir. Era uma atividade quase volumétrica, mais do que qualitativa. Sempre me interessei muito pela leitura e li tudo que encontrava pela frente. O que me deixava mais fascinado naquela época eram essas adaptações dos grandes clássicos da literatura universal feitas por escritores brasileiros. Lembro-me de uma adaptação de *Dom Quixote* que li e que me deixou maravilhado. Também havia adaptações de obras de William Shakespeare e de Homero. Foram, então, essas leituras que realmente me entusiasmaram na infância. Além disso, certamente sou um grande descendente da Coleção Vagalume, da Editora Ática, que fez, inclusive, com que eu ganhasse meu primeiro prêmio de crítica literária. Eu tinha 12 anos quando a Editora Ática promoveu um concurso de críticas sobre as obras da coleção. Fiz uma resenha a respeito de algum título do Marcos Rey, fui premiado, mas o texto se perdeu com o tempo.

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ASSIS, ALENCAR E ROSA

A escola onde cursei o primeiro grau, o atual ensino fundamental, tinha uma biblioteca relativamente orientada, mas me lembro de ter lido coisas esquisitas, como *Eram os deuses astronautas?*, um clássico da ufologia, entre outras obras com as quais eu não simpatizava. Até hoje não consigo gostar dessa derivação de livros de ficção científica. Não é uma literatura que me empolga muito. Mas, claro, li os clássicos brasileiros e consegui gostar de Machado de Assis, que normalmente é considerado intolerável ainda aos 13 anos — e com uma certa razão. Gostava muito de *Dom Casmurro*, já sentia aquele nó na garganta absolutamente terrível ao final do romance, mas hoje quando o releio, percebo que existe a possibilidade de leitura muito mais profunda, e que o leitor tende a compreender as nuances, em geral, depois dos 20 anos e com uma bagagem de leitura ampla. Também gostava dos livros do José de Alencar naquela época. Hoje, salvaria poucas obras dele, mas gostava de *O Guarani* e até de *O Gaúcho*, romance pra lá de esquisito. Apesar de tudo, como era uma biblioteca de interior, não me foi permitido contato com escritores que se tornariam os meus favoritos mais tarde, como Guimarães Rosa.

AUTORES FUNDAMENTAIS

Lembro de obras que me marcaram profundamente, uma delas, inclusive, li aos 14 anos. Trata-se de *O vermelho e o negro*, do Stendhal. Talvez tenha sido o primeiro livro no qual me dei conta de que se podia fazer literatura de uma maneira complexa, ampla. Então, logo em seguida, tive acesso a um dos livros mais fundamentais na minha formação, *Dr. Fausto*, de Thomas Mann e, também, ao *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Esses foram os romances decisivos nessa minha primeira fase de formação.

PAI PROFESSOR

Também havia muitos livros na minha casa. Meu pai era professor de português e recebia, pelo correio, livros da Coleção Vagalume. No entanto, na condição de alemão, meu pai considerava que a única tarefa digna para se fazer na vida era trabalhar, e eu tinha outro ponto de vista. Detestava qualquer tipo de trabalho rural. De modo que tínhamos uma série de brigas, pois ele achava o trabalho edificante e eu queria ler. Então, apesar de meu pai ser professor de português, ele não gostava da minha dedicação integral à leitura, que absorvia cerca de 15 horas com livros todo dia.

FUGA PARA O SEMINÁRIO

Fiz o segundo grau, atual ensino médio, em um seminário, o quê, de fato, foi fundamental para minha formação de leitor, escritor e cidadão. Diria que, quando tinha 7 anos, descobri quê, de um jeito ou de outro, eu precisava sair de Campina das Missões. O motivo? Não me adequava àquele local. Então, em determinado momento de minha vida, percebi que a maneira mais eficaz de sair de minha terra natal seria ingressar em um seminário. Realmente, deixei minha cidade e entrei em um seminário, onde estudei latim e grego, algo que, por exemplo, é uma lacuna para a minha geração. Mas nunca cogitei vir a ser padre. Aproveitei aquele período para ler, inclusive trabalhei no seminário como bibliotecário.

JORNALISMO, NÃO JORNALISTA

Desde pequeno eu queria ser escritor e, como sempre fui muito sistemático, fiz uma relação de todos os escritores brasileiros vivos e importantes, chegando à conclusão que a vasta maioria tinha algum vínculo com o jornalismo. Logo, resolvi cursar jornalismo, mesmo não tendo nenhum entusiasmo com a profissão. Terminei o curso de jornalismo, em Porto Alegre, por pura tei-

“Até hoje, sou conhecido um pouco folcloricamente por ter lidos todos os livros da biblioteca da escola.”

mosia. Nos primeiros semestres, até que tinha alguma satisfação com as aulas de filosofia e sociologia. Mas, próximo ao fim do curso, tínhamos aula de como manejar uma câmera, de produção de texto jornalístico, o que não me interessava. Foi aí que cheguei à conclusão de que eu precisava terminar o curso no menor tempo possível para poder seguir em um mestrado em literatura.

RETORNO ÀS ORIGENS

Após concluir a graduação em jornalismo, fiz um mestrado em literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), planejando uma viagem para a Alemanha, para onde, de fato, fui e fiz meu doutorado, na Universidade de Friburgo, tendo à disposição uma biblioteca de quatro milhões de exemplares. Comecei a ler textos em alemão aos quinze anos. Em casa, aprendi a falar apenas um dialeto alemão, bastante distante do padrão que se fala hoje na Alemanha. Mas, apesar de diferente, era suficientemente parecido para permitir que eu nunca precisasse estudar o idioma. Fui para a Alemanha sem fazer nenhum curso de alemão, já havia, inclusive, traduzido três livros relativamente cedo e iniciei o doutorado com 25 anos.

LITERATURA ALEMÃ

Os primeiros livros que li em alemão foram obras de teatro, o que achei absolutamente fascinante, tanto que mais tarde eu viria a traduzir dramaturgos germânicos. Eram livros escritos ainda

em alemão gótico, uma escrita que para todos parece praticamente impossível de ler, mas na verdade é muito fácil quando se sabe ler o idioma alemão. Comecei a ler em alemão gótico as obras de Goethe e Efraim Lessing, que, não por acaso, é o pai da pátria intelectual alemã em todos os sentidos, um formador da pátria alemã, o sujeito que forma a literatura alemã, antes mesmo de Goethe.

SEM PRESSA PARA ESTREAR

Na verdade, sempre quis ser escritor, sempre me vi como escritor e sempre escrevi literatura. Desde os sete anos queria ser escritor e, devido a circunstâncias diversas e por uma espécie de autocrítica exagerada a qual eu agradecerei até o fim dos tempos, demorei para publicar literatura. Poderia ter publicado ficção, por exemplo, na época em que, quando tinha 22 anos, trabalhei numa editora de Porto Alegre. Eu era praticamente o editor e poderia decidir tranquilamente se um livro meu seria publicado. Mas, felizmente, não publiquei, apesar de ter, na época, um livro pronto. Era um romance breve.

ÍNDOLE NARRATIVA

Meu livro *Estilhaços*, de 2006, é de aforismos e epigramas, e tem muito a ver com a minha formação na literatura alemã. Mas, se você conferir o que há efetivamente de lirismo nesse livro, vai perceber que é uma lírica de índole mais filosófica, até mesmo combativa em certo sentido. Isso mostra que não sou um lírico de verdade, algo que nunca fui. Estudei muito e sei fazer versos, inclusive com rima e metro, mas sei que não sou um poeta essencial. Sempre tive uma índole mais narrativa.

PROGRESSÃO FICCIONAL

A arte do combate, de 2003, não é essencialmente um livro de escritor, por ser uma espécie de história subjetiva da literatura alemã sob o ponto de

“O poeta Heinrich Heine é o escritor com o qual me sinto mais aparentado espiritualmente.”



vista da briga, da agressão e do combate. No entanto, aquele livro já apresenta alguns indícios de vontade narrativa, uma noção, minha, de querer meter o bedelho e contar algumas coisas pessoais. Em 2006, publico, então, *Estilhaços* que, mesmo não sendo completamente ficcional, aponta para um caminho em direção à ficção. *Maisquememória*, de 2007, é ainda mais ficcionalizado. E, o mais recente, *O último minuto*, de 2013, é ainda mais ficcional do que *Três*

traidores e uns outros, de 2010. Consigo fazer essa leitura hoje e não enquanto estava escrevendo. As interpretações sobre os meus livros são sempre feitas, por mim, posteriormente.

FUTEBOL

Tratei do futebol em dois dos meus livros e também tento entender o motivo de falar tanto desse esporte. Afinal de contas, por que me interesso por futebol? Eu mesmo busco respostas

para essa pergunta. Afinal, é difícil aceitar o fato de não haver nenhum grande romance sobre futebol no Brasil. É absurdo isso, mas não escrevo sobre futebol porque não há ainda um grande livro sobre o tema em nosso país. Sei que há menos obras sobre o futebol do que o esporte mereceria, devido à sua importância na estrutura de funcionamento do país, numericamente falando. Mas há sim romances escritos e publicados em tempos recentes sobre fute-

bol, entre os quais *O segundo tempo*, do Michel Laub.

O PERSONAGEM SOU EU?

Até *O último minuto*, todos os personagens que eu criei tinham relação comigo. Em *Três traidores e uns outros*, o personagem principal é um tradutor francês e sempre me perguntaram se é uma obra autobiográfica. Costumo responder que se eu fosse um canalha como o personagem do romance, cometeria



suicídio prendendo a respiração. O que está acontecendo, principalmente nos livros mais recentes, é um distanciamento cada vez mais direto entre o personagem narrador e a figura do autor. Sempre procurei confundi-los, propositalmente, nos primeiros livros, mas agora não. Me dei conta disso após terminar *O último minuto*.

A CASA CAI

O meu próximo romance, *A casa cai*, já está pronto e nas mãos da minha agente literária. Nessa nova obra, o Rio Grande do Sul aparece apenas durante algumas viagens esporádicas de um personagem. Mas o enredo é completamente ambientado no Rio de Janeiro, abrindo espaço para falar dos absurdos da construção civil e do desenvolvimento da cidade, dos delírios imobiliários que fazem com que um metro quadrado no Leblon custe R\$ 58 mil, enquanto o metro quadrado na Favela da Rocinha vale apenas R\$ 2 mil. No livro, o personagem carioca começa a contar a história da construção da casa dele enquanto também revela, como pano de fundo, a construção do Rio de Janeiro, na qual o pai dele esteve envolvido.

TU FOSTE?

Pelo fato de o narrador de *A casa cai* ser carioca, ele não pode usar expressões gaúchas, como guaipeca. Essa transição, para mim, foi tranquila. No entanto, senti muita dificuldade para usar o você. Até lamento que tenha que ser assim, porque sou um sujeito que milita a favor da manutenção do “tu”, de preferência em sua utilização correta, que não é usada nem mesmo no Rio Grande do Sul, onde costumamos dizer “tu foi” e não “tu foste”, como eu falo. Essa foi, enfim, a única questão realmente difícil para mim, mas todo o resto foi absolutamente natural e será perceptível nesse novo livro.

MONTAIGNE

Sou um daqueles escritores de alguma índole ensaística que tem a velha visão do Montaigne, e de comentar, com um ponto de vista ensaístico, as coisas do mundo que o tocam da forma com que elas ecoam subjetivamente dentro dele. É um processo que ocorre em todos os meus livros, e confesso não conseguir largá-lo. E para seguir com esse ensaísmo em meio à ficção sempre tive de elaborar personagens verossímeis. Meus personagens eram intelectuais e não um cara capinando na roça no interior do Rio Grande do Sul.

DEZ MIL PÁGINAS

Tenho certeza absoluta que a minha atividade de tradutor influenciou e ajudou muito na carreira de escritor. Cheguei à conclusão de que, provavelmente, a tradução tenha funcionado para mim como uma espécie de oficina literária que não fiz. Me dei conta de que já tinha traduzido cerca de 30 livros, com uma média de 300 páginas, e que isso deu, com certeza, mais de dez mil páginas escritas, reescritas. Você pode ser o escritor mais estúpido do mundo, mas se você não aprender a escrever depois de redigir dez mil páginas de escritores que são cânones da literatura alemã ou selecionados entre os grandes escritores contemporâneos, desista da profissão de uma vez por todas.

INFLUÊNCIAS

Já tentei identificar com qual escritor me aparento entre os alemães, qual deles têm o estilo mais próximo ao meu, e realmente não consigo ver. Recentemente, tive que responder a algumas perguntas a respeito das influências presentes em *O último minuto*, por incrível que pareça, acho que o escritor que tem um estilo ou um processo de trabalho mais parecido com o meu é Vladimir Nabokov. Em *Lolita* tem um narrador que conta sua história como documento de defesa em um tribunal, conta de dentro da cadeia.

Além disso, Nabokov apresenta uma espécie de elaboração lírica em alguns momentos, às vezes há uns desvios ensaísticos interessantes, que é muito parecido com o meu trabalho. Não vejo muito isso em qualquer escritor alemão e, pensando bem, talvez o escritor que mais se aproxime do meu estilo seja o Heinrich Heine, mas lamentavelmente há poucos títulos dele disponíveis no Brasil que permitam essa comparação. ■

“Cheguei à conclusão de que, provavelmente, a tradução tenha funcionado para mim como uma espécie de oficina literária que não fiz.”



Christian Schwartz e Marcelo Backes falaram sobre vários temas, entre eles a atividade que ambos têm em comum: a tradução.

Literatura, dramaturgia e artes gráficas estão intimamente ligadas na trajetória do cartunista Caco Galhardo

OMAR GODDY

A literatura e os quadrinhos sempre fizeram parte da vida do cartunista Caco Galhardo, mas ele faz questão de separar as duas coisas. “São experiências diferentes. O quadrinho tem uma linguagem própria, uma dinâmica particular. É claro que a literatura está ali enfiada, tudo é narrativa. O cinema, por exemplo, também influencia as HQs e vice-versa. O mundo é um belo de um minestrone”, afirma.

Criador da tira *Os pescocudos* (substituída em 2010 pela série *Daiquiri*), Galhardo reveza seu ofício diário na *Folha de S. Paulo* com a produção de roteiros para a televisão, peças teatrais e ilustrações para livros e veículos todo o país (incluindo este **Cândido** e a revista de cultura *Helena*, publicados pela Biblioteca Pública do Paraná). Ou seja: texto e imagem estão intimamente ligados em sua atividade.

Às vezes, o artista trabalha em dobro, como no caso da adaptação do clássico *Dom Quixote*, que terá um segundo volume publicado até o final deste ano. “Ilustrar é fácil, você lê o texto e as imagens veem à cabeça, é só colocar no papel. Difícil é adaptar e escrever”, diz Galhardo, um ex-fanzineiro que se formou em Comunicação na Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP).

Há, ainda, o que ele chama de “processo invertido”, como aconteceu no livro *O banquete — As gostosas de*

Tudo é narrativa



Foto: Kraw Penas

“Thomas Bernhard tem o senso de humor mais refinado que já encontrei. *Extinção* é um dos melhores livros que li na vida.”

Caco Galhardo, assinado em parceria com o escritor Marcelo Mirisola. “Esse projeto é o meu xodó. Eu tinha não sei quantos mil desenhos eróticos de mulheres e mandei tudo para o Mirisola. Ele deu nomes e escreveu pequenas histórias para cerca de 30 delas. Em vez do ilustrador ilustrar o texto, o escritor é que ‘ilustrou’ os desenhos”, explica.

Essa aproximação com a literatura surgiu ainda na infância, quando Galhardo se dividia entre os gibis da Turma da Mônica e livros juvenis como *Os meninos da rua Paulo* (Ferenc Molnár). Pouco tempo depois, vieram as primeiras leituras mais “adultas”: *best-sellers* americanos (Sidney Sheldon, Harold Robbins, Morris West) e cronistas brasileiros (Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos).

“Um cartunista de tiras é uma espécie de cronista.”

“Meu pai era aficionado por crônica. Uma vez, ele me deu um livro do Stanislaw Ponte Preta e, aí sim, foi uma grande descoberta para mim. Talvez a coisa toda tenha começado aí, com o Sérgio Porto. Um cartunista de tiras diárias é uma espécie de cronista”, afirma o artista, que num momento seguinte se envolveu com o que chama de “coisas meio estranhas”, completamente desconhecidas dos seus colegas de escola.

Esta lista da juventude inclui autores

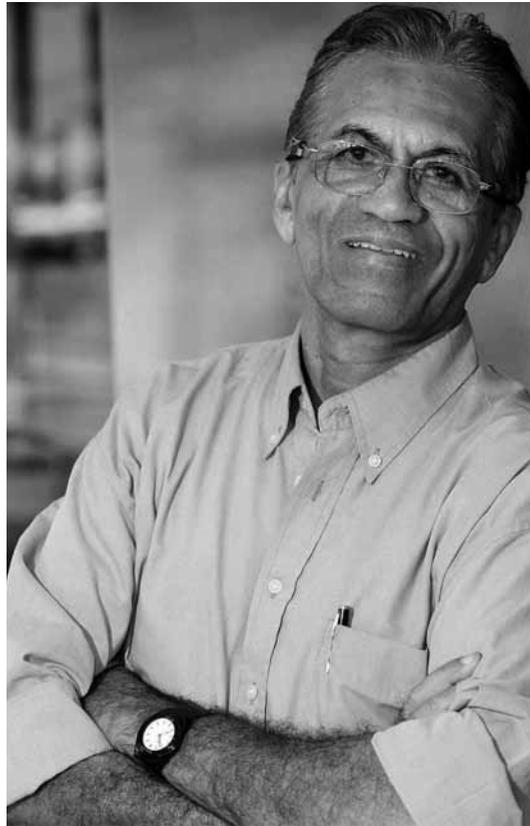
como John Fante (“*Sonhos de Bunker Hill* tinha uma liberdade e uma poesia que me pegaram pela goela”), Bertolt Brecht (“Era apaixonado por *Na selva das cidades* e *Mahagonny*, li a coleção inteira”), Albert Camus, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Rubem Fonseca e, claro, muitos quadrinhos — Angeli, Laerte, Glauco, Crumb, Steinberg, cartunistas do *Pasquim*, etc.

“O Raduan Nassar [autor, entre outros, de *Lavoura arcaica*] disse em alguma entrevista que a boa literatura deve ter corrente sanguínea. Vou atrás disso, dos meus ‘irmãos’ dos quadrinhos e dos livros. Minha formação veio toda daí. Bem, o frango com polenta da minha vó Helena também foi decisivo...”, debocha.

Quanto à literatura contemporânea, o cartunista cita três de seus autores preferidos: Reinaldo Moraes, Fausto Fawcett e o austríaco Thomas Bernhard (morto em 1989). “Há alguns anos, é o cara que mais gosto de ler. Ele escreve uns livros de 400 páginas em um único parágrafo, ultra cabeçudo, minha mulher acha um porre. Mas ele tem o senso de humor mais refinado que já encontrei, e não brinca em serviço. *Extinção* é um dos melhores livros que li na vida.”

Mesmo com toda essa bagagem, que inclui a autoria de duas peças de teatro, Galhardo ainda não pretende se arriscar na ficção. “Estou desenhando uma *graphic novel* longa para a Companhia das Letras, escrevendo roteiros para uma série do canal GNT e preparando uma exposição para uma galeria aqui de São Paulo. Por enquanto, estou mais preocupado em entregar tudo isso a tempo”, diz. ■

Divulgação



Lourival Holanda aposta na sinergia entre universidade e jornalismo.



Júlio Daio Borges acredita que a imprensa cultural vai passar por uma fase desgovernada até se firmar.

foto: Arnaldo Pereira

redução de despesas em setores que não traziam margem de lucro. Dado o cenário árido para a discussão literária na imprensa brasileira, a reportagem do **Cândido** conversou com jornalistas e críticos para compreender esse panorama, que a cada dia se torna mais complexo com as possibilidades de conteúdo oferecidas pela internet.

MAIS DO MESMO

A crise econômica em que mergulhou o jornalismo impresso, não só no Brasil, mas em todo o mundo, é apontada pelo jornalista e crítico Sérgio Augusto como um dos motivos para as dificuldades de espaço para a cobertura de cultura. “O *New York Times* é o único grande jornal da imprensa americana a manter um caderno literário. Os

demais ou extinguíram os seus ou tentaram acomodá-los online. Hoje, para se ler o bom crítico do *Washington Post*, Michael Dirda, é preciso acessar a internet”, aponta Augusto.

A jornalista especializada em literatura Josélia Aguiar diz que a crise generalizada da imprensa é um fator importante, porém defende que o espaço hoje é maior do que aquele de cinco ou dez anos atrás. “A impressão que tenho é que foi bem menor nas décadas de 1990 e 2000. Naquela época, com a abertura do país, queda do dólar e estabilização, as editoras passaram a editar muito mais gente do exterior”, o que teria, segundo ela, aberto espaço para mais autores circularem nas páginas dos cadernos.

O que não impediu o surgimento de pautas “previsíveis”, como afirma

“Vejo o crítico brasileiro como um desses pastorezinhos evangélicos tentando arrebanhar o seu público de leitores ingênuos”.

Pipol, editor do Portal Cronópios

Suplemento Literário do
Estadão: uma década exemplar
para o jornalismo cultural.

REPORTAGEM

Josélia, ou, indo além, “a celebração dos já célebres”. A expressão é do editor e fundador do *Portal Cronópios*, site especializado em cultura prestes a completar dez anos. Edson Cruz, o Pipol, é categórico: “É verdade que os profissionais dos grandes jornais brasileiros estão um pouco preguiçosos e medrosos diante de perigo da extinção de sua vaga na empresa. Vemos com isso a celebração dos já celebres, porque é mais fácil e “não tem erro”. Ele lembra que a cobertura automática dos lançamentos das grandes editoras predomina pelo mesmo motivo.

Diferentemente dos tempos do *Suplemento Literário*, a reflexão parece ter cedido espaço para a divulgação.

“Acredito que os jornais ainda sejam importantes para o escritor e a literatura. Mais no sentido promocional, como estimulador da leitura e divulgador de lançamentos, mais como vitrine do que como arena de discussão”, afirma Sérgio Augusto, que acumula experiência de mais de cinco décadas na imprensa cultural brasileira.

EA CRÍTICA?

O editor do site *Digestivo Cultural*, Julio Daio Borges, descreve o atual momento como um “vácuo crítico”. “Acredito que vamos passar por uma fase desgovernada até que um novo padrão de crítica, sistemática, se firme”, diz ele. Borges enxerga a crítica feita

nos *sites* e *blogs* como uma “extensão da personalidade de cada blogueiro, sem se prender a limites, critérios ou manuais”.

Sérgio Augusto não vê negativamente essa característica mais “impressionista” adquirida pela crítica na internet, pelo contrário. “Quanto mais pessoal, melhor — ou pior, se a personalidade for pequena. Não acredito em crítica isenta, ‘científica’”, explica.

“Não há uma ciência na coisa”, concorda Pipol, porém sob um prisma negativo. “Vejo o crítico brasileiro como um desses pastorezinhos evangélicos tentando arrebanhar o seu público de leitores ingênuos”. Para ele, a crítica brasileira precisa se reinventar. “É preciso uma linha de atuação com mais

“Quanto mais pessoal, melhor — ou pior, se a personalidade for pequena. Não acredito em crítica isenta, ‘científica’”.

Sérgio Augusto, jornalista

‘ciência’ e menos personalismo. O crítico brasileiro quer ser popstar. Com essa mentalidade, nem a internet é capaz de salvar a profissão de crítico”, afirma o editor do *Cronópios*.

FUTURO

Para o crítico e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Lourival Holanda, manter o propósito crítico deliberado é fundamental, independentemente do suporte. Ele aposta em uma sinergia. “Um jornalismo revisitando bases teóricas e uma crítica acadêmica mais conectada, ainda que mais perplexa, com o real imediato, com as novas experimentações de fusão de meios e linguagens”, argumenta.

O futuro da crítica, não só da literária, está no meio virtual, vaticina Sérgio Augusto, afirmando que teremos de nos satisfazer com a superficialidade. “Nichos impressos continuarão existindo, como a revista de vocês [*Cândido*], a *Bookforum*, a *New York Review of Books*, a *London Review of Books*, o *Rascunho* e tantas outras, mas na mesma escala relativamente modesta de agora. São publicações de elite que mais cedo ou mais tarde talvez sejam obrigadas a migrar para a grande infovia”, completa o veterano jornalista. ■

foto: Ricardo Biserra



Pipol lamenta que a grande imprensa fique apenas na celebração dos célebres, a festa do mais do mesmo.



Sérgio Augusto observa que os jornais atualmente são apenas plataforma de divulgação, não de reflexão.

RODAPÉ X UNIVERSIDADE

Um marco decisivo na questão da crítica literária na imprensa brasileira foi a querela, em 1948, entre Afrânio Coutinho, oriundo da universidade, e Álvaro Lins, crítico de rodapé dos grandes jornais e apontado por Carlos Drummond de Andrade como o “imperador da crítica brasileira entre as décadas de 1940 e 1950”. O período trouxe mudanças para o jornalismo brasileiro, que começava a abandonar o modelo francês, mais interpretativo, em prol do americano, mais objetivo e dinâmico. “Desde a famosa polêmica de 1948, entre Afrânio Coutinho e Álvaro Lins, o teórico como especialista ganha sobre a aventura da interpretação”, comenta o crítico e acadêmico Lourival Holanda.

A crítica de rodapé, que recebia esse nome por, via de regra,

ocupar a seção inferior da página do jornal, era o modelo dominante na imprensa do país até a década de 1950, e foi exercida por nomes como Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido, Mário de Andrade, Wilson Martins, entre outros.

Marcada pela indefinição entre crônica e noticiário, pela não-especialização de seus realizadores e pelo acompanhamento do mercado editorial, era um exercício de crítica que se adaptava aos padrões industriais do jornalismo, justamente os pontos criticados pelos intelectuais das primeiras faculdades de Filosofia cariocas e paulistas, como Afrânio Coutinho, que defendiam a especialização acadêmica e classificavam a crítica de rodapé como “impressionista”.

A briga entre acadêmicos e jornalistas pode vagamente lembrar o debate atual, opondo a crítica jornalística à crítica da internet, mas o jornalista e crítico Sérgio Augusto lembra que o contexto cultural é radicalmente diferente. Ele diz que os jornais dominavam, absolutos, o mercado de troca de ideias, sendo fonte de informação de todas as gerações. “A qualidade do ensino era melhor, assim como a qualidade e a quantidade de grandes críticos absorvidos pela imprensa. Não estou sendo nostálgico, estou apenas sugerindo que olhemos o presente e o futuro com outros olhos, outros parâmetros – se tencionamos de fato sobreviver com galhardia a todas as nossas perdas.”

Um jovem romance de 57 anos

Retrato de uma época — e da juventude mineira da década de 1940 — e sensível às angústias e anseios juvenis de gerações subsequentes, *O encontro marcado* continua atual

RAFAEL RODRIGUES

Quando começou a escrever *O encontro marcado*, romance considerado por muitos leitores, escritores e críticos literários como a obra-prima de Fernando Sabino, o escritor mineiro, nascido em Belo Horizonte em 12 de outubro de 1923, estava com 30 anos de idade. Àquela altura, Sabino já havia publicado quatro obras de ficção: o volume de contos *Os grilos não cantam mais*, de 1941, lançado quando o autor tinha 17 anos, *A marca*, novela de 1944, *A cidade vazia*, volume de crônicas sobre Nova York, onde Fernando morou entre 1944 e 1946, e *A vida real*, outra novela, esta de 1952.

O encontro marcado, portanto, é apenas obra de um escritor consolidado, mas também um romance escrito por um homem que, apesar de jovem, era muito experiente. No volume sobre Fernando Sabino da série de livros “Perfis do Rio”, Arnaldo Bloch diz que “quando os 20 anos batem à porta, Fernando se vê atado às responsabilidades de um homem de 30: casado, esperando o primeiro filho num Rio [de Janeiro, para onde se mudara em 1944, antes de partir para NY] inebriante, com dois livros publicados e emprego de responsabilidade: titular de um cartório, presente de Getúlio [Vargas], a quem acaba agradecendo [a contragosto, pois Fernando era anti-getulista] pessoalmente o rentável afago oficial”. O motivo do presente: Sabino foi casado com a filha de Benedito Valadares, governador de Minas Gerais entre 1933 a 1945, aliado e amigo de Getúlio.

Aos 30, quando iniciou a escrita de *O encontro marcado*, a situação era completamente diferente. Sabino havia se separado da esposa, tinha abdicado do cartório e estava vivendo sozinho. Sobre esse momento, ele próprio revelou, em entrevista à escritora Edla Van Steen, que “estava diante de um impasse”. “Meus valores ruíam, o casamento, a família e todas as instituições em que acreditava até então eram postas em xeque. Em vez de partir para o tom con-



Ao lado de Clarice Lispector, Sabino, autor de um romance geracional que marcou a cultura brasileira.

fessional, apenas autobiográfico, optei pelo romance, porque deixava em liberdade a imaginação, para poder jogar com a realidade, alterá-la, recriá-la à minha maneira”, disse o escritor.

E foi exatamente o que Sabino fez. Utilizando-se deliberadamente de sua própria vida, dando destaque ao período entre o início da década de 1940 até os primeiros três anos da década de 1950, o escritor mineiro escreveu o livro que ficou conhecido, desde o seu lançamento, como “o romance de uma geração”. Para tanto, Sabino seguiu um conselho de Mário de Andrade. Em carta enviada a Fernando em 1945, Mário diz, à guisa de orientação para o próxi-

mo romance do pupilo: “Não economize nada, gaste tudo, jogue todas as suas cartas na mesa e não blefe. E se o livro não sair bom, diga: perdi. E comece outra partida”. Deu certo.

BEST-SELLER

Atualmente, *O encontro marcado* está em sua 93ª edição, tendo vendido, desde 1977 — ano em que o livro passou a ser editado pelo selo Record — mais de 500 mil exemplares. Desde quando foi publicado, no fim de 1956, pela editora Civilização Brasileira, até sua mudança para a Record, estima-se que o romance tenha vendido outros 50 mil exemplares.

A primeira edição do livro, de apenas 3 mil exemplares, foi toda vendida em dois meses, segundo o jornalista José Carlos Oliveira, em texto publicado na edição do *Jornal do Brasil* de 5 de janeiro de 1958. Sobre o livro, Oliveira declarou que *O encontro marcado* era “um bom romance de um... existencialista sartriano, de uma alma perdida, empírica, incrédula, cheia de náusea e sem fé de espécie alguma”. Aqui, vale um parêntese: esse último pedaço do comentário de José Carlos Oliveira chega a ser curioso, sabendo-se que Fernando Sabino era um cristão convicto.

SUCESO DE PÚBLICO

Nascido em 1928, o escritor e jornalista Wilson Figueiredo, foi amigo do quarteto conhecido como “Os quatro mineiros do apocalipse”, grupo formado por Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino. Segundo Figueiredo, *O encontro marcado* foi tão rapidamente consumido por conta do elemento geracional que a obra carrega. “Naquela época, os amigos faziam um oba-oba dos livros uns dos outros, é verdade, mas *O encontro marcado* foi publicado após o mundo ter passado por um choque muito grande, que foi a Segunda Guerra. O livro fez todo esse sucesso devido à sua qualidade e ao resgate de uma realidade vivida por muitos de nós. Fernando tinha um espírito de repórter, então o livro acaba sendo também um retrato daquela Belo Horizonte dos anos 1940”.

Humberto Werneck, escritor e jornalista mineiro, é da geração seguinte, mais precisamente de 1946, e tem uma opinião semelhante à de Figueiredo. “Para mim e para alguns outros jovens escritores da minha geração, o grupo formado por Fernando, Paulo, Otto e Hélio foi uma referência muito forte, e não apenas literária. *O encontro marcado* não era só um texto no qual apren-

der truques narrativos, e mesmo, no nosso verdor, a imitar escancaradamente. A gente sabia que ali estava a história de quatro talentosos conterrâneos nossos que brilhavam nacionalmente. A certa altura, na adolescência, eu queria ser um deles, num Rio de Janeiro que sempre me fascinou, longe da pasmeira e do moralismo da vida belo-horizontina de então.”

E por que o romance continua atingindo um público tão grande até hoje? Wilson Figueiredo responde. “O livro sobrevive porque toda juventude tem a mente muito parecida com a dos protagonistas. É aquela coisa da autenticidade que tem o livro, do encanto da juventude, da descoberta da vida que acontece nessa época de nossas vidas. E ele não se esgota, porque é o retrato de uma época, da juventude de uma época.”

CRIADOR X CRIATURA

Em seu esboço autobiográfico, como costumava se referir ao livro *O tabuleiro de damas*, Fernando Sabino disse que “num levantamento da minha vida literária, vejo nela que não tenho feito outra coisa senão me revelar, me expor, contar aquilo que vivi, testemunhei, pensei, aconteceu e chegou ao meu conhecimento — sempre através

da mais torturante maneira de recriar a realidade”.

É possível, portanto, traçar alguns paralelos entre Eduardo Marciano, protagonista do romance, e Fernando Sabino, seu criador. O primeiro queria ser escritor, assim como o ainda garoto Fernando; ambos tiveram contos premiados antes de chegarem à adolescência; no livro, Marciano namora e se casa com a filha de um ministro, na vida real, como já dito, Sabino foi casado com a filha de Benedito Valadares; além disso, Marciano e Sabino eram grandes nadadores, e ambos tiveram os casamentos desfeitos.

Mas Fernando não gostava de ver os personagens e acontecimentos de *O encontro marcado* enquadrados nos fatos de sua vida e nas pessoas que o cercavam. Até porque, assim como há semelhanças, há muitas diferenças entre o personagem e seu criador. Eduardo é filho único, Fernando tinha irmãos. Eduardo não teve filhos, já Fernando teve — só com a primeira esposa.

Ainda em *O tabuleiro de damas*, Fernando Sabino explica essa espécie de amálgama que ele fazia com a ficção e a vida real:

“Numa de minhas novelas [*Martini seco*, publicada no livro *A faca de dois gumes*], um escrivão está jogando damas com um comissário de polícia e pergunta se o tabuleiro é preto com quadrados brancos ou branco com quadrados pretos. O comissário diz que é branco com quadrados pretos. O escrivão, raposa velha da polícia, diz que não.

— Então é preto com quadrados brancos.

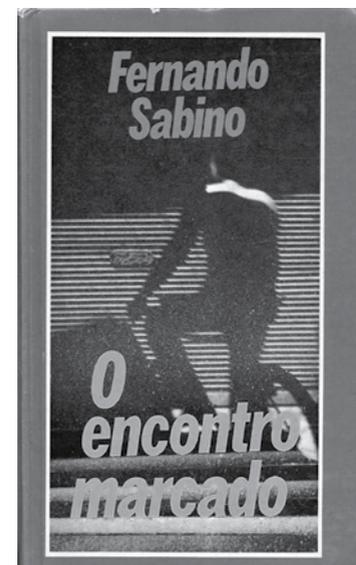
E o escrivão:

— Também não. É de outra cor, com quadrados pretos e brancos.

Com isso eu quis sugerir que, por baixo da realidade que se apresenta aos nossos olhos, existe outra que é a verdade.

Esta verdade, de certa maneira, pretendo alcançar com o que escrevo.”

E assim pode ser definido *O encontro marcado*: uma ficção que tem, por baixo dela, algumas verdades. Verdades essas que, no fim das contas, não importam muito. Livro impactante e vigoroso como poucos — e que, sem exagero algum, pode ser considerado o maior romance geracional da literatura brasileira —, *O encontro marcado* é maior do que todos esses detalhes. ■



POEMA | ROBERTO PRADO

deliberações sintéticas
da ordem dos
geômetras nefelibatas

1. Um grande sólido geométrico.
mal de deserto com água se cura
nada por perto, chover é precipitação
cúmulo mesmo é formar uma figura
nuvem que deixa ver densa a solidão

2. Elementos obedientes.
de olhos fechados eu desvendo
pobre cego de tanta idiotia
mistérios? esse sol nascendo
só para comprovar minha teoria

3. Supremacia da fórmula.
com a ajuda do meu céu
de nuvens esparsas fiz uma você
agora que eu passei para o papel
não está mais aqui quem te vê

4. Compasso de esfera.
o sol é um sólido insolente
o belo horizonte, uma linha
eu traço e eis o nascente
no ninho, poente, a galinha

5. Linha férrea.
mesmo contando nos dedos
tudo o que eu calculo bate
desastre não tem segredos
agora sim, astros, ao debate

 **Roberto Prado** nasceu em Curitiba. Poeta, compositor, roteirista e publicitário, Prado é autor de várias, canções gravadas por artistas dos mais variados estilos musicais. Participou das antologias *Sala 17* (1978) e *Reis Magros* (1978). É autor do livro *Sim senhor às suas ordens isto é um motim*. Vive em Curitiba (PR).



LITERATURA EM CENA

Desbravando as cenas



Ilustração: Índio San

DA REDAÇÃO

O boom literário vivido pelo Brasil a partir do final dos anos 1990 parece não ter sido suficiente para que escritores deixassem a condição de quase-anônimos, reunidos em pequenos guetos nas principais cidades do país. Se a proliferação de feiras, bate-papos e outros eventos ligados à discussão do livro e leitura conseguiu, pelo menos, aproximar um pouco mais os autores do leitor, ainda desconhecemos o que acontece para além das fronteiras de São Paulo e Rio de Janeiro, os dois maiores centros editoriais do país e destino de

uma verdadeira diáspora de escritores chegados de várias partes do país.

Em Curitiba, o escritor Jamil Snege construiu uma obra muito interessante à sombra das grandes editoras, publicando seus livros de uma maneira quase artesanal. Quem é o poeta de Belém ou o prosador do Recife que igualmente não conhecemos, assim como grande parte do Brasil ignora a existência de Snege? Esta edição do **Cândido** dá início a um especial que pretende mapear algumas das principais cenas literárias brasileiras fora do eixo

Rio-São Paulo. Neste e no próximo número, o **Cândido** publica matérias sobre dez cidades brasileiras, seus escritores, feiras, editoras e periódicos. Na largada, jornalistas de Belém (PA), Recife (PE), Porto Alegre (RS), Londrina (PR) e Fortaleza (CE) produziram reportagens sobre as principais manifestações literárias de suas cidades hoje, citando e entrevistando os nomes mais revelantes e trazendo à tona a engrenagem que move a literatura nesses centros, os principais eventos, as iniciativas mais frutíferas e, claro, contextualizan-

do o momento atual com a tradição literária desses locais.

Dado o espaço relativamente curto dedicado a cada cidade e à complexidade dos lugares retratados, este especial é apenas um recorte possível do que acontece na seara da literatura em algumas das principais cidades do país. Juntamente com as reportagens, o **Cândido** escolheu alguns escritores dessas cidades para que publicassem inéditos. Assim, o leitor poderá ter uma pequena mostra do tipo de literatura que se tem feito nas mais diversas regiões do país. ■



Espírito cosmopolita

Pulverizada e cheia de vozes em constante estado de migração, assim é a atual cena literária de Recife

SCHNEIDER CARPEGIANI

Acompanhado por músicos, Ronaldo Correia de Brito tem se dedicado a uma série de performances em que interpreta contos de vários momentos da sua carreira. Não há um roteiro fixo, mas um texto em particular jamais se ausenta, “Homem atravessando pontes”, do livro *Retratos imorais*. É quando seus companheiros de cena tocam quase em silêncio, fazendo da música *voyeur* do percurso vivido pelo personagem: o centro do Recife e suas pontes que interligam o inferno e o paraíso da capital pernambucana, congestionada e turbulenta, habitada por desigualdades que insistem em querer posar como um cartão postal, ainda que às avessas.

O Recife atravessado pelas tais pontes foi também personagem do seu último romance, *Estive lá fora*, depoimento amargo de quem insiste em lembrar a barra-pesada política dos anos 1970, antes que a memória se converta em folclore. Foi a cidade asfixiada pela ditadura que Ronaldo encontrou quando abandonou o sertão cearense para estudar medicina em 1969. O Recife que vem se infiltrando com ênfase nos seus últimos livros é tanto realidade



Adelaide Ivánova, atualmente radicada na Alemanha, recria sua identidade recifense na ficção que publica em seu blog.

“O eixo Rio-São Paulo continua existindo, a força maior do jornalismo impresso e as editoras se concentram lá. Mas já não é necessário morar fora do Recife para ser convidado a dar conferências na China ou escrever uma matéria para uma revista francesa”.

Ronaldo Correia de Brito, escritor

objetiva quanto o substrato mágico que certos autores precisam lançar mão para fazer de uma geografia particular um cenário universal, para além de mapas.

É o caso também do Recife sujo, sexual e bíblico, e assim atemporal e devedor de promessas, de Raimundo Carreiro, que levou ao extremo sua relação com a cidade no romance *Tangolomango*. Na obra, uma prostituta idosa vive e revive sua existência em meio ao sábado de Carnaval, como uma Mrs. Dalloway

silenciada pela potência de frevos antigos. Também sertanejo, mas pernambucano de Salgueiro, Carrero tem migrado cada vez mais suas narrativas para um Recife suspenso, um Recife que não existe mais, já que são independentes de calendários as cidades que se prestem a alegorias.

É curioso notar que os dois principais expoentes do que podemos chamar de “literatura pernambucana” — rótulo que mais exclui do explica — olhem sua matéria-prima geográfica a partir do olhar do estrangeiro ou daquele que migra guiado por forças tanto concretas quanto subjetivas. É um olhar de espanto, dos que jamais se acostumam. Para Ronaldo, uma certa “migração” não cessou: Recife é o ponto de partida e não seu tripé de estabilidade, que o excluiria de oportunidades em centros urbanos maiores: “O eixo Rio-São Paulo continua existindo, a força maior do jornalismo impresso e as editoras se concentram lá. Mas já não é necessário morar fora do Recife para ser convidado a dar conferências na China ou escrever uma matéria para uma revista francesa”.

Do lado oposto de Carrero e de Ronaldo está Marcelino Freire, outro homem de alma migrante: de Sertânia para Recife e, enfim, para São Paulo, mas que, da oralidade brutal das falas que o assombravam durante a infância no interior pernambucano, ergueu sua literatura *sui generis*. Violento e urbano, como seus companheiros paulistanos que emergiram no cenário literário brasileiro na virada do século, Marcelino soube se destacar justamente por jamais deixar calar as vozes que o nutriram. Caso semelhante é o da fotógrafa e escritora Adelaide Ivánova, atualmente radicada na Alemanha, que pelo seu blog vodcabarata.blogspot.com recria sua identidade recifense como uma espécie de centro nevrálgico para redimensionar as paisagens onde escolheu



Foto: Guilherme Pupo

O cearense Ronaldo Correia de Brito, autor do romance *Estive lá fora*, vive no Recife há décadas.

ou mesmo se viu obrigada a viver.

Outra migrante é a poeta recifense Micheline Verunskh, que prepara seu primeiro romance via patrocínio do Petrobras Cultural. Por enquanto reside em Olinda. Pensa em voltar para outra temporada em São Paulo, mas paquera Buenos Aires. “Creio que estar em trânsito, sempre de passagem, agrega, na minha escrita, na minha visão de mundo, elementos dos lugares pelos quais moro. Assim, por exemplo, *Geografia íntima do deserto* é um livro de Arcoverde, lugar que considero minha cidade natal. Já *A cartografia da noite* tem pedaços de Aldeia (na Região Metropolitana do Recife), de Recife, de São Paulo. Os lugares se inscrevem em mim, se grudam, transparecem no que eu faço para o bem e para o mal. Como se eu e minha escrita pudéssemos ser algo no qual vão se incrustando coisas: conchas, lacres de latas, cartas, chaves, uma esquina, uma réstia de sol.”

O olhar desses seres migrantes, vagando por aqui e por ali, mas sempre

olhando para trás, talvez ajude a compreender o momento pulverizado vivido por quem escreve em Pernambuco ou a partir de fantasmas pernambucanos. Talvez não possamos mais falar em cenas literárias, como ocorreu em outras décadas, marcadas por movimentos como A Geração de Poetas de 1965 ou o Movimento de Poetas Marginais. Grupos mais recentes como o Vaca Tussa e Urros Masculinos (esse responsável pelo festival anárquico Free Porto) deixaram de atuar efetivamente. Recife vive um momento literariamente pulverizado, com vozes distintas e migrantes a emergirem. Como encontrar um ponto em comum no erotismo de palavras exatas, quase cabralinas, do veterano poeta Marco Polo, ex-integrante da mítica banda recifense Ave Sangria, e nos romances rebuscados de José Luiz Passos, que fetichizam memórias inventadas num jogo sensual quase onírico? Talvez o melhor seja não encontrar, melhor deixá-los perdidos em suas identidades intransferíveis.

LITERATURA EM CENA | RECIFE

BLOCO DO EU SOZINHO

E por falar em cena, nem mesmo a do Mangue Beat, que chacoalhou a MPB nos anos 1990, ainda resiste. Talvez o único grupo artístico que hoje faça sentido — dentro do já modificado termo cena — seja o do Novo Cinema Pernambucano, capitaneado pelo sucesso internacional do filme *O som ao redor*, de Kléber Mendonça Filho, que descortina uma Recife assustada e fascinada com um progresso corporificado por congestionamentos gigantes e por espigões rasgando o céu.

É o que percebe também o jornalista Diogo Guedes, setorista de literatura do *Jornal do Commercio*, o maior de Pernambuco: “É complicado falar em uma ‘literatura pernambucana’ porque ela é formada hoje por autores singulares, com trajetórias bem específicas e também vivendo momentos diferentes”, diz Guedes. “Apesar disso, acho que Pernambuco — pensando especificamente em pessoas que nasceram, moram ou começaram suas trajetórias literárias por aqui — tem uma produção de literatura sólida. As premiações recentes para autores de longa trajetória, como Raimundo Carrero e Ronaldo Correia de Brito, atestam isso. Mas outros nomes têm merecido a atenção da crítica e da mídia literária do Estado e de fora, como José Luiz Passos (finalista do Prêmio Portugal Telecom 2013 na categoria Romance), Everardo Norões, Sidney Rocha, Christiano Aguiar e Fernando Monteiro.”

Dentre os autores novatos, Guedes destaca o nome de Bruno Liberal (leia conto na página 23). Morador de

Petrolina, no Sertão Pernambucano, Liberal foi o vencedor da primeira edição do Prêmio Literário de Pernambuco, parceria do Governo do Estado com a Companhia Editora de Pernambuco (Cepe). “Acho que o isolamento que sinto, por morar em Petrolina, é natural de um autor que ainda dá os primeiros passos e mora longe dos grandes centros literários. Cada vez mais tenho consciência que isso não é tão ruim como pensava. Talvez seja o próprio cerne da diferenciação da minha escrita. Por insegurança, esse ‘isolamento’ me faz um leitor e autor muito mais crítico. Isso acaba sendo um fator determinante para a forma como escrevo”, observa Bruno, cuja estreia literária, a coletânea de contos *Olho morto amarelo*, será publicada em outubro, durante a Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, a terceira maior do Brasil.

A iniciativa de realização do Prêmio surgiu na gestão Wellington de Melo, atual responsável pela pasta de literatura do Estado. Em sua gestão, iniciada em 2011, ainda foram criados um festival literário em Petrolina, o Clisertão, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e o Festival Internacional de Poesia (FIP). “Existe uma produção pulsante em diversas regiões, de autores das mais variadas gerações e dicções, que têm seu público, independente da necessidade de distribuição para fora do Estado, ou mesmo de se fazer chegar os livros a Recife. Escritores emergem em Goiana, Carpina, Garanhuns, Petrolina, sem depender do Recife”, diz Melo. ■

“Creio que estar em trânsito, sempre de passagem, agrega, na minha escrita, na minha visão de mundo, elementos dos lugares pelos quais moro.”

Micheline Verunsckh, poeta

FLIPORTO

Entre 14 e 17 de novembro acontece a Fliporto, principal evento literário do calendário de Pernambuco, que começou suas atividades em Porto de Galinhas e, desde 2010, é realizada no Centro Histórico de Olinda. Quem faz a conferência de abertura desta edição é Pilar del Rio, presidente da Fundação José Saramago e viúva do escritor português. Segundo o curador geral do evento, o escritor Antonio Campos, a Fliporto é montada compreendendo o caráter migrante ou, em suas palavras, “cosmopolita” do que chamamos de literatura pernambucana: “Temos o orgulho local e regional combinado ao espírito cosmopolita que tanta caracteriza o nosso Estado, a ponto de podermos dizer que é quase um estado de espírito esse cosmopolitismo.” Talvez “literatura pernambucana” seja cada vez mais um estado de espírito ou um porto para se abrigar, ou mesmo jamais se perder, sempre que uma nova migração, interna ou externa, apareça à vista. ■



CONTO | BRUNO LIBERAL

DENTE DE CACHORRO

Ilustração: **Nicholas Pierre**



Ele procura ela.

Caça.

Avança dentro da vegetação seca. É noite. Ela se esconde atrás de uns galhos retorcidos. Procura um abraço na escuridão, uma segurança, um último refúgio. O vento cria um sussurro alongado na fração de tempo de uma respiração profunda. Ela treme acocorada, sentindo no chão as pedras machucarem os pés descalços. O que encontra é a feiura de tudo no mundo.

Ele, com a arma empunhada, percebe a criatura em si. O lobo de dentro. E, novamente, aponta e dispara para o alto.

Ela corre assustada. Ele ri exaltado. *Arreial! Corre peste. Corre.*

(um raiozinho de nada, de esperança)

O homem feio de chapéu preto solta o cachorro. É sua diversão de agora. Ela, desesperada em sua carcaça de mulher, podia ser um pássaro trancado numa casa de espelhos. Ela se arranha, se fura, geme, grita, se corta, mata, sangra. E corre, corre.

O cachorro, esse fantasma, agarra sua perna fina, delicada. Ela cai com a cara esparramada na terra salgada. Acabou. Foi pega no dente. Na arma. Na violência dessa noite.

Era assim que ele agia.

(esse homem que era tantos outros e outros)

Soltava o cachorro na noite e corria para pegar mais uma.

(hoje ela, essa moça)

Ela viu apenas um raio negro rasgando a Caatinga. Quebrando os galhos secos que esperavam um fio de

chuva para voltar à vida, como ela agora na sua esperança. Ouviu no coração o barulho desse rasgar de mato que vinha em sua direção e trazia medo. Ela toda medo. E o cão agarrou na canela da moça. Eram essas as ordens do homem. E esmagou suas lembranças, transformou a moça toda naquilo ali deitada. Lutando no frio, no escuro, no inferno.

Peguei, peste. Agora tu vai ver.

Ele chega e ri. Mostra os dentes enormes. Vê a sombra de medo na cara dela. A lua também parece rir iluminando sua dor. Ele abaixa as calças. Arregaça o talo. Ri alto com a escuridão do seu desejo.

Ela então se desarma. Foi pega no mato, como um animal. E como um animal ela vira uma coisa e desfaz-se dos espinhos. Do que lhe resta.

Vira sua coisa mulher. E se esconde na própria natureza de objeto. Refugia-se em alguma lembrança viva que agora é tão difícil.

Também será difícil voar novamente. Bater as mãos como asas.

Ela também vira seu bicho. Que não é lobo.

É passarinho baleado.

Ela ouve seu uivo de lobo sujo. A imundice desse instinto.

Percebe a tristeza do cachorro que seguia as ordens do verdadeiro animal.

(outro raiozinho de nada, de humanidade)

E sente que os espinhos também choram. E que seus olhos são cristais em queda livre. ■

Depois daquele boom

Após a efervescência dos anos 1980, que revelou escritores de ressonância nacional, como Domingos Pellegrini, Mário Bortolotto e Rodrigo Garcia Lopes, Londrina tem uma nova geração de escritores que ainda busca afirmação

ALEXANDRE GAIOTO

Londrina era uma festa nos anos 1980. Em noitadas de porres homéricos, as pessoas iam para o bar e, movidas à cevada, cachaça e uísque, discutiam literatura noite adentro, trocando impressões sobre John Fante, Jack Kerouac e Charles Bukowski. Aos domingos, os jovens escritores corriam para as bancas em busca do caderno “Leitura”, da *Folha de Londrina*, que deu alguns furos louváveis, como a primeira tradução em português do longo poema “Uivo”, de Allen Ginsberg, feita a quatro mãos pelos londrinenses Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça. A década de 1980 marcou o início da aventura literária para a turma consagrada de Ademir Assunção, Marcos Losnak, Mário Bortolotto e Márcio Américo. Isso sem falar em Domingos Pellegrini, que já havia sido revelado anos antes.

Espécie de embaixada estadunidense no Sul do Brasil, Londrina fez

barulho com seu grito beatnik. E todo mundo ouviu. “Mário Prata um dia disse: ‘Acho que as estradas que vão pra Califórnia passam por Londrina, porque só num lugar como esse para ter uma literatura assim’. Morar em Londrina naquela época deveria ser tão bom quanto morar em São Francisco, nos Estados Unidos. Mas Londrina não é mais a mesma, né? Nós nos evangelizamos”, comenta o londrinense Mário Bortolotto, 50, um dos dramaturgos mais influentes do país.

Comparando com aquela safra oitentista, há quem reclame à beça dos novos tempos. “O cenário da literatura londrinense não está em seu melhor momento”, lamenta a escritora e estudante de Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL) Samantha Abreu, 33. Conhecida na cena londrinense, Samantha publicou *Fantasia para quando vier a chuva* (2010) e, há dois anos, assumiu a curadoria do Londrix, o maior festival literário da cidade.

“Já fomos muito mais produtivos, incentivados, divulgados, publicados. Já

tivemos muito mais liberdade para fazer a literatura ferver nos teatros, bares e livrarias daqui. Hoje, os bares fecham à meia-noite, as pessoas não se encontram mais para discutir seus livros durante horas na mesa do boteco”, critica.

Para piorar, de acordo com a autora londrinense, nem os próprios protagonistas estão unidos o suficiente para fortalecer a cena literária. “Os escritores daqui não comparecem nem aos lançamentos de seus colegas. Muitos vivem na condição de cânones, longe



O contista Rogério Ivano, já teve livros publicados por editoras de Londrina e de outras cidades fora do Paraná.

Foto: Saulo Haruo Ohara

dos bares, das vilas culturais”, acusa.

Outro problema, de acordo com o contista Rogério Ivano, 42, é a dedicação parcial dos autores à literatura. “A maioria dos escritores está com trabalhos consolidados, produzindo com ou sem regularidade. Estamos aguardando novos talentos. A espera é por aqueles que optem pelas letras como expressão, experimentação, estética, não apenas como aventura”, comenta Ivano, que atua como professor no departamento de História da UEL e já publicou livros em editoras como Atual, de São Paulo, e na extinta Aos Quatro Ventos, de Curitiba, além de ter sido publicado por editoras londrinenses.

Nascida em Cambé (PR) e radicada em Londrina, a jornalista e escritora Karen Debértolis (leia conto nas páginas 26 e 27), lançou cinco obras e fixou seu nome na cena contemporânea da cidade com *A estalagem das almas* (2006), livro feito em parceria com a fotógrafa Fernanda Magalhães. O livro foi publicado graças ao Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic), que vem tirando da gaveta uma série de livros de escritores londrinenses. “A publicação e a distribuição do livro são os maiores desafios dos novos escritores. Atualmente em Londrina temos duas editoras, a Atrito Art e a Kan, que buscam se organizar nesse sentido. E o Promic possibilita que os autores tenham acesso ao custeio de produção do livro”, observa.

Na safra dos novos autores publicados com o empurrão do Promic está André Simões. Com voz própria e um humor fino, o jornalista e escritor de 28 anos reuniu meia centena de crônicas e contos em *A arte de tomar um café* (2010), que saiu pela Atrito Art.

ÊXODO

Residindo atualmente em São Paulo, Simões vê a cena londrinense por uma perspectiva otimista. “Estamos, sim,

num grande momento. Há muita gente que escreve hoje, mas em um sistema de criação mais isolado. É uma produção cultural adequada ao porte de Londrina. Não creio que aquele *boom* literário dos anos 1980 aconteça novamente. Se acontecesse, seria o caso de investigar a água de Londrina — ou o uísque que chega à cidade”, ironiza o jovem escritor.

A londrinense Ana Guadalupe, de 27 anos, também segue o mesmo ritmo de Simões, sem pressa para publicar o segundo livro. Considerada um dos fortes nomes da nova poesia brasileira, a escritora teve seus versos inseridos na antologia bilíngue *Otra linea de fuego* (2009), organizada por Heloisa Buarque de Hollanda e publicada na Espanha.

Formada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e, atualmente, residindo em São Paulo, Ana deixou Londrina aos 10 anos de idade e voltou a morar na cidade dos 13 aos 15 anos. Na internet, publica poemas inéditos constantemente em seu blog (www.welcomehomeroxy.wordpress.com). Sua primeira obra, *Relógio de pulso*, veio em 2011 pela editora carioca 7Letras. O segundo livro é um desejo, não uma obsessão. “Meu ritmo é um pouco lento. Meu desafio agora é continuar escrevendo da forma como eu escrevia antes, sem a sensação de compromisso e sem medo de abandono por parte dos leitores”, observa.

GRANDES EDITORAS

Nas terras vermelhas, não são apenas os jovens que batalham para emplacar suas obras. A guerra pela publicação é vivida até mesmo pelo poeta Rodrigo Garcia Lopes, autor de 14 obras e mencionado em diversas coletâneas, como *Os cem melhores poemas brasileiros do século* (2001). “A cada livro novo que lanço, sinto que é como se estivesse chegando agora, embora tenha décadas na estrada da poesia e da literatura”, revela.

Difícil publicar em Londrina?

Pior ainda em âmbito nacional, por uma editora consagrada. “Infelizmente no Brasil o talento não basta. Nos bastidores da literatura, o Q.I. (quem indica) ainda conta muito”, lamenta o poeta.

Mesmo sem um pistolão literário, o jornalista e escritor londrinense José Pedriali deu a cara a tapa, e se deu bem. Quando terminou de escrever *Fuga dos Andes*, Pedriali enviou o romance para três grandes editoras do país. A primeira resposta que recebeu, três meses após enviar o original, foi negativa. Dois meses depois, duas outras grandes editoras nacionais entraram em contato, sinalizando o interesse pelo romance. Publicado pela Record, o livro foi chamado de “obra-prima” por Domingos Pellegrini, reconhecido como o maior escritor londrinense, autor de mais de quarenta obras e vencedor por seis vezes do Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). ■

FESTIVAIS, LOSNAK E ARRUDA MENDONÇA

Londrina não é mais aquela dos anos 1980. Os tempos mudaram. Mesmo com as críticas ao cenário local, há uma articulação sólida de alguns meios de comunicação, festivais e encontros literários que movimentam as letras londrinenses. Hoje, o Sesc local colabora com a Semana Literária, convocando autores canônicos para um dedo de prosa com o público, uma vez por ano, tudo com entrada grátis. A *Coyote*, lançada em 2002 e editada por Rodrigo Garcia Lopes, Ademir Assunção e Marcos Losnak, é uma das revistas sobre literatura mais importantes do país. Há oito anos, o festival Londrix recebe autores de peso para oficinas e mesas-redondas, além de incluir anualmente, em suas programações, um punhado de escritores da casa. Quanto aos sobreviventes dos anos 1980, eles continuam mandando ver, participando de grandes eventos literários e lançando novas obras. Alguns até permaneceram em Londrina, mesmo com o reconhecimento a nível nacional. Mauricio de Arruda Mendonça, que ainda reside na cidade, concilia a carreira literária com a produção na área de dramaturgia. ■

Foto: Elisabete Ghisleni



O poeta Rodrigo Garcia Lopes é um dos principais escritores de Londrina e em 2014 estreia na ficção com o romance *O trovador*.

UMA VIDA SIMPLES

Vou parar aqui e sentar diante deste jardim de luzes. Tenho que espantar estas vozes que ecoam em minha cabeça. Odeio lugares cheios de gente. Pessoas que passam ao lado agitadas, ritmo cardíaco acelerado, olhares por toda a parte.

Ainda lembro da noite em que lhe falei sobre isto. Mão afável na minha e sorriso brando. Vez ou outra cacheando os cabelos encostando a cabeça calmamente na parede suja avermelhada pela luz do ambiente. Em meio àquele barulho de sons incongruentes, era imprecisa a minha fala. Até notar que seus olhos iam além de minhas palavras e cortavam as letras que pairavam no ar entre nós sobre a mesa de lata. E nem ouvia mais o que dizia. Senti o seu olhar vasculhando cada detalhe de boca e nariz fino e olhos claros e cabelos agrisalhadados.

Ainda lembro daquela mesa de canto entre tantas pessoas exóticas, lúgubres, atarracadas, acanhadas, extravagantes, coloridas. Uma vez ou outra nos levantávamos e dançávamos, mesmo a contragosto, ao som da música horrível que o DJ insistia em repetir em vários finais de semana. Dançava numa letargia seguindo seus movimentos de deusa. Foi a partir dali, naquele estranho pedaço da cidade, que comecei a filosofar sobre quanto há ordem em meio ao caos. Ao longo de muitas noites, ficamos, assim, olhando-nos detidamente. Entre uma história e outra, contada a conta-gotas, tentava esconder a minha aflição, as minhas agruras, o meu desespero agravado pela presença daquele local estranho.

Não sei bem o que tinha me levado até ali. Era um certo azedume interno, uma angústia que não acabava nem

mesmo depois de escovar os dentes para dormir. Mas, perambulei por aquele espaço exíguo, noites a fio de meses insuportáveis, antes de encontrar-lhe. Nem mesmo sei, ao certo, o que me fez voltar àquele antro tantas vezes. Talvez, eu não sabia, mas já procurava por você.

Então, passei a sentir uma pressão no peito que só cessava quando você aparecia acompanhada sempre de uns amigos. Naquela altura da noite, eu já havia bebido uma dúzia de copos de qualquer coisa, mesmo que não alcoólica. O momento mágico: seu corpo moreno, cabelos longos, sorriso à mostra, atravessava o acortinado de tiras de plástico vermelho. Alheia à insubordinação de ritmos e vozes, palavras incongruentes, bêbados insolentes. E aquela música torta do DJ era abafada por fados e gaitas gitanas e violões que tocavam na minha cabeça.

Uma noite resolvi agir. Deixei de lado as impossibilidades psicológicas — a timidez, a insegurança barata que me acompanhava. E, logo, tua pele macia estava à minha espreita. Primeiro, me aproximei da roda de amigos que sempre a cercava. Havia alguns conhecidos do escritório. Em seguida, começou a fase da dança. Um gim tônica ajudou. E mais três na sequência foram os estimulantes para a minha coragem. O desenvolvimento de toda uma performance criativa para aquela música barata, o seu olhar no meu, as reclamações sobre a música, as risadas que se seguiram. E o corte de cena, finalmente, para a mesa de lata num canto.

Os dedos longos, as unhas feitas, as costas nuas para me debruçar. E assim, as noites se tornavam um imenso mistério a ser desvendado. E eu, que não gostava de barulhos, me entreguei

a uma sequência enlouquecedora de ruídos rondando a minha cabeça depois das madrugadas a seu lado naquele lugar tão fétido. Melhor ainda quando a lua banhava o bosque ali perto. Tirávamos as roupas e observávamos os pássaros noturnos.

Depois, seguíamos juntas para nos aninharmos em minha pequena cama.

Emaranhada em seus longos cabelos, afundada nos seios — perfeitos —, recostada às suas costas ouvindo o silêncio. Nem sequer lembrava das confusões do cotidiano. O trânsito louco de carrinhos nos supermercados, a longa espera nos cruzamentos no centro da cidade às seis da tarde, as filas nos cartórios para homologar papéis, as audiências nos juizados de pequenas causas, as manifestações feministas, os ensaios de escolas de samba na rua detrás do prédio, as crianças do vizinho jogando bola no apartamento.

Nada importava. Somente Júlia que agora bagunçava a rotina simétrica da minha vida. Desarrumava a cama à noite e me acordava com o aroma de café vindo da cozinha. Há quantos anos não usava as toalhas de mesa e as xícaras e os pires e a mantegueira e sentia o cheiro de torradas? Nem me lembrava mais de que as primeiras horas matinais, antes de ir para o trabalho, podiam ser cheias de ternura.

Ela me despertou antigos sentimentos e hábitos. No final de tarde, sempre quando íamos nos encontrar, pensava em algum cardápio especial para aguardá-la. Nada muito requintado ou complicado. Uma salada com folhas verdes de variadas tonalidades, macarrão com molho de tomates que eu mesma preparava seguindo a receita da avó italiana, bife com batatas fritas.

Voltei a cuidar das plantas da sacada. Plantei um pé de melancia que cuidamos ao longo de meses até comermos a primeira fruta numa quente tarde de verão. Comprei colares multicoloridos. Sapatos descolados. Vestidos justos que ela me ajudava a escolher na loja e me observava experimentar malandramente nos provadores. “Uma advogada precisa vertir-se de maneira impecável”, ordenava.

Júlia era chefe do setor de enfermagem em um grande hospital. As semanas de trabalho eram difíceis, não só por possíveis plantões durante noites repletas de casos de emergência de embrulhar o estômago de qualquer um, mas por reverses que fugiam ao seu controle. Em uma das vezes, ligou-me chorando. Uma jovem senhora, internada há duas semanas que havia apresentado



melhora nos dois últimos dois dias, subitamente, morreu. A família era pequena. O pai, dois filhos, uma nora e a neta de dois meses. Julia havia acompanhado a família, confortado, participado das alegrias da recuperação e da possibilidade de alta hospitalar da mãe. Era como se tivesse sido derrotada.

Tristezas e alegrias. Ordem e caos. A vida seguia como uma estrada sinuosa e repleta de bifurcações. Eu não tinha mais controle sobre nada. Parte do meu guarda roupas era dela. Na bancada do banheiro, espalhavam-se seus frascos de perfume, no armário maquiagens e cremes. Mulher de bom gosto. Não tinha mais jeito, comprei uma cama de casal.

Eu também levei parte de mim para o apartamento dela. Além de roupas e outras intimidades, o vaso com o pé de boldo. Não abandonamos o velho hábito de frequentar o antro onde nos conhecemos. Alguns amigos ainda iam, os garçons nos tratavam bem, as bebidas eram ótimas. Ela cuidava de mim quando passava do limite alcoólico, mas era o boldo que me salvava. Um chazinho ou uma folha macerada com água gelada.

Os problemas hepáticos após as noitadas eram exceções. Voltávamos sempre loucas de desejo e a noite era pouca para tantas peripécias na cama. Não importava, se na minha ou na dela. Não importa, se nunca mudamos os endereços. A maneira como seu olhar me tocava ultrapassando copos e garrafas sobre a mesa de lata, a maneira como eu me encostava nas suas costas nuas embalada pelas músicas horríveis do DJ. Nada se alterou. Nunca.

Ao longo dos anos fomos entendendo que o desejo tem seus barulhos peculiares. O som dos sapatos que rondam, dos beijos apaixonados, das mãos atritando com os pelos do corpo, dos líquidos humanos, da língua que passa audaciosamente varrendo as cavidades das orelhas. Ruídos como mares revoltos que desordenavam o cotidiano.

Em muitas noites de verão, voltávamos ao nosso bosque secretamente para observarmos o frescor noturno das árvores imensas que desenhavam estranhas criaturas na contraluz lunar. Em muitos invernos nos refugiávamos por outras terras nas quais o sol permanecia por poucos meses do ano. E, assim, fomos colecionando palavras em idiomas diversos, fotografias com tradicionais poses de turistas, souvenirs inúteis.

Mas, a ordem é ameaçada pelo caos a todo momento. Numa tarde chuvosa, quando voltava para casa, fui surpreendida por um telefonema inesperado. Ligavam do hospital em que Júlia trabalhava. Pediram que aguardasse na linha. Ela não iria trabalhar naquele dia. Estava de folga e havia programado resolver questões burocráticas no banco. A princípio, argumentei com a secretária do setor de que deveria ser um engano, a ligação não era para mim.

A demora na transferência da ligação para outro setor causou-me uma tensão estranha. Depois de minutos, o médico de plantão, me disse um “boa noite” afobado. E seguiu explicando que tudo estava sob controle e que eu não deveria me desesperar. Lentamente sentei na poltrona vermelha e aconchegante. Disse à ele que não entendia muito bem o motivo daquele telefonema. Ouvi alguém ao seu lado dizer um palavrão como se tivessem cometido um erro.

Júlia estava em observação na UTI. E aos poucos ele me contou sobre o acidente. O motorista que avançou o sinal vermelho foi quem telefonou para o número do hospital que estava no adesivo colado no vidro do para-brisa do carro de Júlia. Imediatamente, a ambulância seguiu para o local. Ela estava desacordada, um corte profundo na testa, um deslocamento da clavícula. O forte impacto da colisão fez com que sua cabeça se chocasse contra o vidro. Prestaram os primeiros socorros e

os colegas de trabalho, em grande parte seus amigos, a receberam no hospital.

Não me lembro de muitos detalhes daquela noite. O caos retornava de forma estridente. Um zumbido metálico no ouvido me poupou de ouvir as bobagens proferidas pelo taxista durante o trajeto até o hospital.

Estou absorta diante deste jardim de luzes. Pequeníssimas lâmpadas multicoloridas que se espalham entre a vegetação rasteira do jardim dos fundos de uma biblioteca em Paris. Uma profusão de vozes que se confundem com a música que ecoa de uma das janelas iluminadas do prédio histórico. Um torpor envolve minha cabeça. Estou aturdida pelos risos de turistas e parisiense eufóricos. Odeio lugares cheios de gente.

Meus pés doem. Pouse minha mão sobre o assento de pedra do banco. Fecho os olhos para tentar resgatar

a ordem em meio àquele caos da cidade abarrotada de luz. Estou cansada. Uma suave mão pousa sobre a minha. Sinto o calor do corpo que senta-se ao meu lado e se aconchega. Lentamente me viro e abro os olhos devagar para ser colhida pelo intenso castanho do olhar de Júlia. Ela sabe do desespero que se aposa de mim em meio a tanta gente. E me resgata do caos. Leva-me pela mão para desvendarmos como tantas outras vezes as ruas, estreitas e belas, iluminadas pela algazarra de luzes da Nuit Blanche. ■

 **Karen Debértolis** é autora de *Calidoscópio* (prosa), *Guardados* (poesia), *A estalagem das almas* (prosa), *Prosa de palavras* (prosa). Também gravou o CD de poesia *A mulher das palavras*. Produz e apresenta o programa *Contracapa – Literatura&Arte*, na Rádio Web Alma Londrina (<http://www.almalondrina.com.br/>). Vive em Londrina (PR).



Em meio à escassez, a literatura

Com uma produção pautada no conto e na poesia, a cena literária de Fortaleza se afirma apesar das dificuldades do contexto editorial

ALAN SANTIAGO E RAPHAELLE BATISTA



Carlos Augusto Lima é um dos expoentes da poesia cearense contemporânea.

Há um sentimento gregário que perpassa, desde muito tempo, a literatura do Ceará. Dos neoclassicistas Oiteiros, no início do século XX, ao modernista Grupo Clã, nos anos 1940, ou ao grupo Siriará, nos anos 1980, o escritor cearense tem necessidade de se unir. Esse gesto de aproximação não desaparece na produção contemporânea. Porque o que define essa tendência, antes de ser a afinidade artística, é a necessidade de desaguar contos, poemas, romances e conseguir ser reconhecido por esse trabalho.

Diante de um ambiente arredio e marcado pela escassez, em que tanto público quanto mercado não conseguem garantir a sobrevivência do escritor, a produção literária de Fortaleza surge o mais das vezes sob o signo do “mutirão”: escritores, unidos, fundam

uma revista e assim mostram sua literatura. “A gente precisa entender a produção da literatura, da arte em geral, aqui, como um lugar da falta, em que você tem que estar o tempo todo insistindo, preenchendo esse lugar”, analisa o poeta e professor de literatura Carlos Augusto Lima, autor de seis livros.

Professor da Universidade de Fortaleza, o escritor Batista de Lima lembra que há 25 editoras cearenses. Poucas delas têm linha editorial definida. Os entraves na distribuição, por sua vez, ainda são muitos: por não haver distribuidora, a produção acaba circunscrita aos limites do próprio Estado. Além disso, o circuito de livrarias é dominado por *megastores*, que sufocam as pequenas lojas de livros e dão pouco espaço aos autores cearenses.

“Não temos a tradição de eventos literários permanentes, de espaços para

pensar o que estamos produzindo. Falta até a possibilidade de conhecermos uns aos outros”, lamenta Socorro Acioli, autora de mais de uma dezena de livros infantojuvenis que, agora, também se lança no romance adulto com *A cabeça do santo*. O livro será lançado em 2014 pela Companhia das Letras e pela inglesa Hot Key Books, a mesma do *best-seller Harry Potter*.

Para o escritor e pesquisador Nilto Maciel, autor do importante trabalho *Contistas do Ceará — D’A quinzena ao caos portátil*, a expressão “literatura cearense” não passa de um rótulo, uma vez que a globalização se incorporou também à produção literária local, seja na linguagem, nos temas ou nos modelos. “Por isso mesmo, é difícil delimitar essa produção contemporânea. Já que, apesar das dificuldades, ela consegue ser fecunda e plural”, afirma Maciel.

OUTRAS TENDÊNCIAS

Se é José de Alencar quem de certa forma funda uma tradição literária brasileira, no Ceará é o contista Moreira Campos, a partir de meados do século XX, que estabelece um caminho narrativo que influenciará as gerações seguintes. Com prosa concisa e precisa na descrição de situações e personagens, Campos anteciparia a escrita curta que ganhou fôlego nos anos 1990. E esse não é o único motivo que justifica a força do conto em relação a outros gêneros. O professor e escritor Batista de Lima observa que a leitura do conto é mais rápida e sua produção, teoricamente, menos trabalhosa quando comparado ao romance.

Assim, o Ceará viveu nos anos 1990 uma espécie de efervescência do conto. Prova disso são as revistas dedicadas ao gênero que estouram por essas paragens naquela década. Volta a circular *O Pão*, em 1992, uma homenagem ao extinto jornal de mesmo nome que pertencia ao movimento literário Padaria Espiritual, grupo que comandou as mentes locais com uma proposta irreverente e inovadora no fim do século XIX. Surgem ainda a *Literapia — Revista de Literatura da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores* (1999), viva até hoje, e o *Almanaque de Contos Cearenses* (1997), em única edição.

Dessas, foi mesmo o *Almanaque* que fotografou o espírito de seu tempo. Organizado pelos escritores Pedro Salgueiro, Tércia Montenegro e pela professora Elisângela Matos, a coletânea reuniu grande parte dos contistas que

produziam na década de 1990. Estavam lá o próprio Pedro, cuja literatura reelabora o sertão, tirando-o de um regionalismo tacanho, e Tércia, com uma narrativa urbana pondo em questão dramas existenciais. Jorge Pieiro e sua prosa mais concisa e experimental foi outro que colaborou, assim como Dimas Carvalho, saudando o fantástico em seus textos. Além deles, Luciano Bonfim, que traz muito de intertextualidade e poesia para seu projeto literário, ou ainda o autor do romance *Galileia*, Ronaldo Correia de Brito, que, morando em Recife, saía com sua primeira publicação no Ceará.

Mais do que situar historicamente a produção, apostando nos autores que continuariam (e continuaram) seu trabalho, o *Almanaque* foi embrião de projeto que viria pelas mãos de Salgueiro e Pieiro em 2005. *Caos portátil* era uma espécie de almanaque de contos que teve cinco números e misturou a nova geração com escritores mais antigos. Alguns dos selecionados, muitas vezes ainda inéditos em livros, dialogavam dentro das páginas com textos de contistas mais experientes.

Embora tentasse ser abrangente do ponto de vista estilístico e temático, a *Caos* não preenche determinados espaços que outras revistas surgidas também nos anos 2000 acabam ocupando.

Entre elas, a *Corsário* (2006) — nascida virtualmente e capitaneada por Maridão França — acabou dando nome a um selo editorial com 16 livros publicados até agora. Editada por Manoel Carlos e André Dias, não pode fugir do escopo a revista *Pindaíba*. São publicações ou aglomerações de escritores que propõem uma intercessão entre literatura e outras artes.

Dessa safra de artistas diversos, destaca-se o poeta Léo Mackellene, que em 2006 estreou com *O livro das sombras ou O livro dos mais pequenos silêncios* (Mangues&Letras). E, por exemplo, o poeta e cineasta Uirá dos Reis, cujo primeiro livro, publicado pela *Corsário*, não traz título nem assinatura.

Se Mackellene e Uirá flertam com o experimento em seus poemas, Carlos Augusto Lima avança ainda mais nesse sentido. *Manual de acrobacias n. 1* (2009) condensa 72 exercícios, com pequenas variações de um poema para o outro. Outras trilhas — entre as múltiplas da poesia — percorrem Carlos Nóbrega, que começou a publicar em 1988, e Diego Vinhas — que estreia com *Primeiro as coisas morrem* (2004).

Enquanto Nóbrega aposta numa transfiguração do cotidiano sob uma ótica melancólica e de uma contemplação ativa, Vinhas redimensiona a linguagem

para fazê-la outra, própria à sua voz. Já *O Poeta de Meia Tigela*, que publicou *Concerto, N° 1 nico em mim maior para palavra e orquestra. Poema.*, tem uma obra pensada para que, como numa peça musical, seus livros dialoguem entre si.

ESTRATÉGIAS

Embora produzido em menor escala, o romance, com potencialmente maior dificuldade de circulação, uma vez que coletâneas e antologias não o comportam, tem nomes dedicados a ele, como Nilto Maciel, considerado guru de uma nova geração e conhecido por seu poder como narrador. Além dele, Carlos Emílio Corrêa Lima, com uma prosa francamente verborrágica e enérgica, e Ângela Gutiérrez (imortal da Academia Cearense de Letras), por vezes analisando o mundo feminino, têm uma trajetória literária que cruza com o romance.

Há poucos anos de volta ao Ceará, Ana Miranda, cujas tramas reavaliavam literariamente nossa história social e a biografia de alguns escritores, e Ronaldo Correia de Brito, que em sua obra revisita as raízes rurais a partir de uma perspectiva cosmopolita, são autores que alcançaram reconhecimento nacional no gênero.

Ainda que não o tenham feito

deliberadamente, sua saída do Estado é um sintoma do cenário rarefeito do Ceará. Em certa medida, seu reconhecimento adquiriu corpo em virtude da partida. Outro exemplo: Natércia Pontes, que acaba de lançar pela Cosac Nairy *Copacabana dreams*, só viu seus livros ganharem eco quando saiu de Fortaleza.

Ainda assim, quem ficou — caso de Tércia — aprendeu a conviver e mesmo a superar o contexto. Ela está de viagem marcada para Frankfurt, na Alemanha, onde participará em outubro da feira do livro mais importante do mundo no mercado editorial, lançando coletâneas para as quais foi convidada. Além disso, é finalista do prêmio literário Portugal Telecom com *O tempo em estado sólido* na categoria conto/crônica.

Montenegro é otimista sobre o mercado cearense. Diz, inclusive, acreditar que ele está se expandindo, bem como o espírito de profissionalização do escritor local. No entanto, Socorro Acioli é ainda uma das poucas escritoras de Fortaleza assessoradas por um agente literária. É hoje agenciada pela respeitável Lúcia Riff, que fundou a mais antiga agência de autores do Brasil. “Parece que ainda falta, por partes dos autores cearenses, a coragem necessária para investir no próprio projeto literário”, comenta. ■

Foto: Samuel Macedo



Divulgação



Divulgação





CAMUNDONGOS

Essa casa tornou-se grande, ou eu me tornei pequeno dentro dela. Ratos passeiam embaixo das tábuas do assoalho. Imagino que sejam ratos, porque toupeiras não existem em nossa região. Amélia me garante que não há nada por baixo do piso. Claro que não me convencerá tão fácil, pois ela dorme cedo, bem antes de os galos cantarem, logo depois do primeiro apito do trem: longe demais, pela curva do curtime, além dos limites da cidade.

Sei que ela virá em meu encalço, prometeu que vinha, jurou sobre o caixão dele, olhando fixamente nos olhos

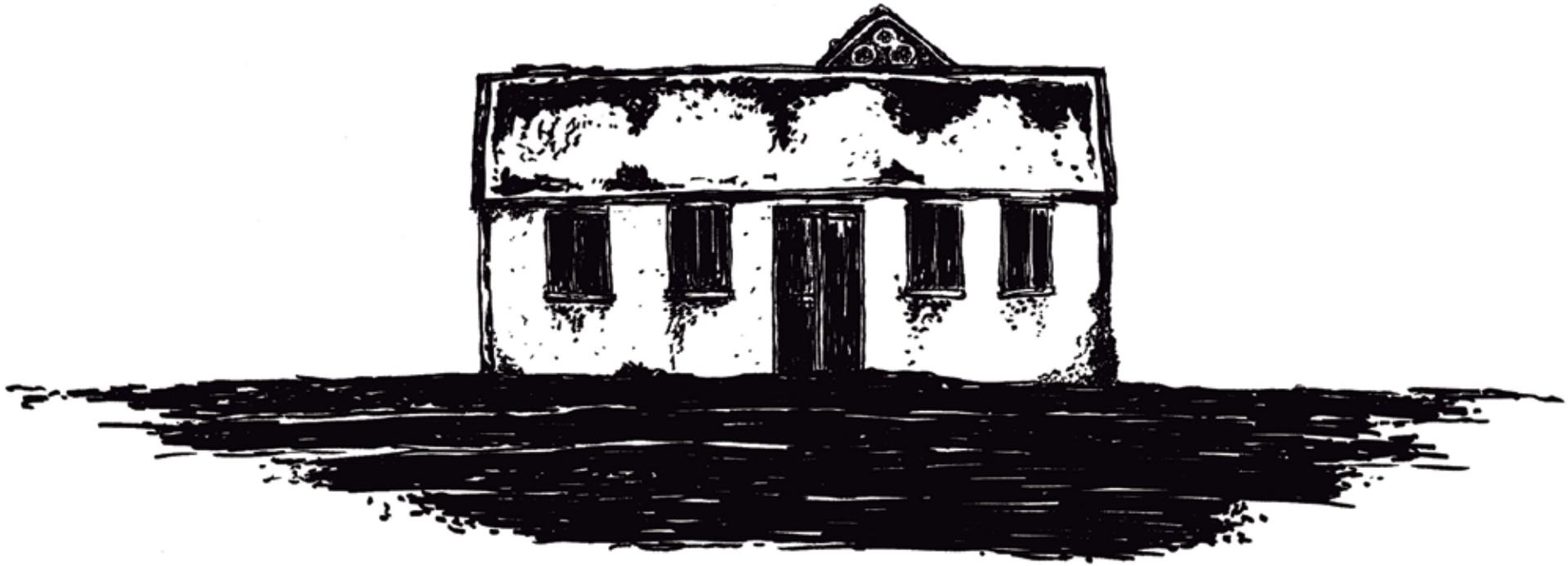
sem brilho do pai. Amélia estava por lá, como se não compreendesse ainda o que tinha se passado, como se talvez pedisse desculpas. Claro que ninguém olhou para ela, que envergonhada se retirou em silêncio. Eu também gostaria de estar ali a noite inteira, bebendo o café forte de dona Maroca, olhando os olhos claros de Mercedes; tentaria com certeza estancar o rio de lágrimas daqueles olhos tristes. Sonhei com isto desde que nasci. Amélia me avisou do fio bem fino que move estes sentimentos; procurei não entender: os limites para mim estavam além das montanhas, muito dis-

tantes de tudo aqui. As cercas de maracujá não me prendiam como agora, e estes ratos impertinentes jamais me tiravam o sono. A casa era bem menor, ou eu não encolhera tanto ainda. Conhecia cada cômodo com outros olhos, olhos de sol nascente; os primos povoavam minha solidão, não me lembro de ter ficado sozinho um instante sequer. Os primos, todos agora mortos, não seriam talvez estes ratos que me atazanam a paciência? Amelinha teima que podem ser até tatus, bichos mansos mas que gostam de cemitérios. Não entendo esta inusitada associação; e ela se cala como

se tivesse atravessado limites proibidos, logo ela que sempre media tão bem as palavras: pesava com cuidado cada pensamento, como se sua imaginação vasta pudesse ser captada pela minha mente acuada. Na verdade me atribuía poderes; desconfio que acreditava no que eu sempre dissera em silêncio. Dizia com um meio sorriso, em noites de descontração, entender as linhas infinitas que povoavam meu rosto; cada ruga significava um medo, mas bem por aí parava, ficando de repente séria: como se tivesse rompido a fronteira que nos separava e pisado em território proibido; como se de inimigos nós tivéssemos nos tornado cúmplices. Via com naturalidade minha desconfiança, não tentava abrir portas e janelas que me protegiam, nem tentava me encontrar em meus infinitos esconderijos nessa casa imensa: quando muito procurava ler os hieróglifos do meu rosto enquanto eu fingia risonhar em algum dos cômodos escuros da casa. Desenvolvi, com o tempo e a pouca clareza, a audição; talvez devido a isso escutasse tão bem o trabalho meticuloso dos ratos embaixo do assoalho.

Sei muito bem que ele não deixou herdeiro homem, apenas a filha regando o ódio dos filhos dela; mas desconfio que por essa época já tivesse chegado à conclusão de que faltaria tempo, que portanto urgiam providências. Pensando nisso me perco novamente pelos labirintos dos quartos, onde sei que ela jamais me encontrará. Planejo uma maneira competente de me proteger. Não sei por que associo





os pensamentos dela aos ruídos subterâneos da casa, talvez por serem quase imperceptíveis; também por virem sempre em noites de insônia, camuflados entre os mil ruídos da madrugada, entre um latido e outro dos cães da rua, entre os milésimos de segundos que separam o canto dos grilos, entre o chamado e a resposta dos galos deste e de outros quintais. E em meio a esta sinfonia de silêncios escuto assustado os pensamentos dela roendo as tábuas do meu assoalho, os teclados de madeira dessa casa secular que nos une a todos de nossa família, dos tetravôs que aqui chegaram aos dois sobreviventes que aqui nos escondemos. Suporto ainda por saber da inevitabilidade de tudo, de como cada ação está associada à outra num jogo de causa e consequência que foge ao nosso domínio. Não pretendo me entregar assim fácil, apesar de saber de minha incapacidade de impedir o fracasso. Os rostos das três gerações que consigo reter em minha memória me vêm nas longas noites de resistência, mas também me dão forças, talvez por saberem da parcela de culpa que têm em tudo que me aconteceu.

O dia passa rápido, porque são muitos os cantos da casa que preciso defender: minha irmã ultimamente não se dirige a mim, como se afinal houvesse compreendido a inutilidade de qualquer palavra, apenas me observa com seus olhos sem brilho. Tenho tomado conta da nossa residência, recentemente destruí dois cômodos no fundo do quintal e com os tijolos seculares vou fechando todas as portas e janelas. São infintos os cantos desta casa, a cada noite me escondo em um deles. Amélia me procura em vão, pois nunca tentou entender as passagens infinitas deste labirinto. Com orgulho e medo também espera, na verdade deseja isto desde aquela noite. No último ano terminei o lado sul, neste avanço para o leste; sem pressa porque bem sei que ainda tenho algum tempo. Amélia já não ultrapassa fronteiras, nada diz, somente me olha com seus olhos sem lágrimas. Mas também sei que só estaremos completamente salvos quando eu conseguir emparedar todas as entradas. Tenho me apressado nos últimos tempos devido aos insuportáveis barulhos dos ratos, parece que cavam cada vez mais próximos.

Ela e Amélia não me encontrarão. Sabem que têm pouco tempo, por isso o barulho infernal dos camundongos esteja tão intenso. No próximo ano acumularei tijolos ao lado da porta da frente, o último elo que nos une: será por ali que ela entrará para se unir a mim e à Amélia, quando então prestaremos conta de tudo o que estas quatro gerações nos uniram e separaram. ■

 **Pedro Salgueiro** nasceu em Tamboril (CE), em 1964. Publicou os livros de contos *O Peso do morto* (1995), *O espantalho* (1996), *Brincar com armas* (2000), *Dos valores do inimigo* (2005) e *Inimigos* (2007). Vive Fortaleza (CE).



Em busca da cena porto-alegrense

Celeiro de jovens autores, Porto Alegre tem um tradicional circuito literário, que inclui feiras e editoras, o que ajuda a fomentar o surgimento de novos escritores locais

ALEXANDRE LUCCHESI

Desde escritores de *best-sellers* até poetas, passando por contistas e criadores que fundem gêneros narrativos, os autores gaúchos estão presentes no imaginário dos diversos segmentos de leitores brasileiros. Daniel Galera, Letícia Wierzchowski, Fabrício Carpinejar, Daniel Pellizzari e Antônio Xerxenesky são apenas alguns dos nomes que se afirmam como referências nacionais em seus segmentos. No entanto, compreender a cena literária porto-alegrense, capaz de gerar essa profusão de nomes de peso, e levantar suas causas e particularidades, pode se revelar uma tarefa um tanto escorregadia.

O que chama atenção em primeiro lugar é a dificuldade de encontrar autores que permaneçam vinculados exclusivamente à cena local. “É uma gera-

ção de autores que publica massivamente em São Paulo e no Rio de Janeiro”, aponta o professor e ensaísta Luís Augusto Fischer, chamando atenção para o fato de jovens autores como Carol Bensimon serem logo editados no centro do país a partir do segundo livro. Além disso, Xerxenesky, Pellizzari, Paulo Scott, Michel Laub, Veronica Stigger, entre outros tantos autores representativos, deixaram a capital sul-rio-grandense, ou seja, já não frequentam a cena local com a mesma assiduidade e alcançaram *status* de escritores nacionais, lidos em todo o Brasil.

Se muitos autores gaúchos não podem ser vinculados com tanta força à cena porto-alegrense, visto que estão geograficamente distantes e possuem uma abrangência mais ampla de leitores, reuni-los em torno de um estilo ou temática é ainda mais difícil. “Não se pode dizer que há uma particularidade em nossa produção porque a literatura em geral está muito urbana, a obra de um escritor de Salvador, São Paulo ou Rio de Janeiro pode ser esteticamente muito parecida com a obra de um autor daqui”, explica Rodrigo Rosp, editor da Dublinense e da Não editora, duas das casas editoriais que mais têm acolhido revelações da literatura na cidade.

“Uma das novidades sobre os jovens autores porto-alegrenses é que, para eles, ser gaúcho já não é mais uma questão”, observa Fischer. Rosp corrobora a opinião do crítico. Para o editor, já não há um comprometimento em levar adiante temáticas que apareciam tradicionalmente na literatura local: “O

escritor contemporâneo está conectado muito além de suas raízes, assim, um livro do norte-americano Thomas Pynchon talvez possa ter tanta ou até maior influência sobre quem está escrevendo agora do que um livro do Caio Fernando Abreu ou outro escritor daqui”.

Mesmo assim, Rosp e as editoras que representa acabam se inserindo numa importante tradição da cidade. “Porto

Alegre tem uma história de editoras representativas de geração — a Globo, por exemplo, foi seguida pela Movimento, L&PM e Mercado Aberto, depois veio a Livros do Mal e agora a Não e a Dublinense”, aponta Fischer.

CIRCUITO

Tal sequência de editoras acaba por sugerir que há na capital, de algum



Foto: Renato Parada

O romancista Michel Laub é um dos muitos autores de Porto Alegre que migrou para outros estados.

Divulgação



Rodrigo Rosp está a frente da Não Editora, que já publicou dezenas de autores locais.

modo, uma sistema literário desenvolvido. Mesmo que muitos autores com maior visibilidade estejam longe de Porto Alegre ou publiquem em editoras do centro do país e não possam ser agrupados por temática, existe de fato um circuito literário na cidade.

“O número de oficinas, saraus, leituras e lançamentos que há aqui talvez seja mesmo um dos diferenciais de Porto Alegre em relação a outras capitais brasileiras”, aposta Rodrigo Rosp. A Palavraria, livraria localizada no bairro Bom Fim, é um bom exemplo dessa movimentação: a casa abriga cerca de três eventos ou encontros ligados à literatura por semana durante todo o ano. Além disso, a cidade tem uma das mais badaladas feiras de livros do país e também conta anualmente com a, cada vez mais sólida, FestiPoa Literária.

O sistema ainda não é tão maduro a ponto de criar grandes fenômenos literários locais, gozando de amplo público leitor antes de ser lançado no centro do país, mas tem estimulado jovens criadores. O poeta Diego Petrarca, por exemplo, lançou três títulos no último ano, e afirma não ter “exatamente ‘um

público’, o que tenho são pessoas já interessadas em literatura e poesia, alunos que frequentam minhas oficinas, amigos e poetas que acabam querendo ver meu trabalho”.

Mesmo assim, Petrarca não pode dizer que não vive de poesia, pois está sempre envolvido em aulas, oficinas, leituras e outras iniciativas em torno do fazer poético e literário. “Meu trabalho com literatura é escrever e dar aula”, resume ele, que há dez anos está envolvido com projetos literários.

Da mesma forma, Rosp vê sua editora alçar voo nesse ambiente. Com mais de 50 autores em seu catálogo, sendo a maioria de escritores locais, a Dublinense faz tiragens para iniciantes que variam de 600 a 1.000 exemplares. Em torno de 60% das vendas se dão no Rio Grande do Sul.

Diego Grando, Rafael Bán Jacobsen, Samir Machado de Machado, Cíntia Lacroix, Nelson Rego e Monique Revillion são apenas alguns dos autores que a Não e a Dublinense ajudaram a revelar e que têm avançado na carreira literária. A baixa repercussão dos títulos na imprensa e a inexistência de um

mercado efetivo para novos autores locais não tem sido motivo para cessar o aparecimento de escritores interessados em publicar seu primeiro livro.

Rosp identifica, na verdade, um amadurecimento dos estreantes. “A maioria dos escritores que chega até a editora já frequenta oficinas, assiste debates em eventos, enfim, sabe como é a cena. Encaro que o escritor precisa fazer um trabalho de construção de marca, fazer-se conhecido ao poucos e, assim, ser cada vez mais lido com o tempo.”

Não é fácil determinar por que a cidade tem um número tão grande de interessados em celebrar os livros, seja frequentando eventos, oficinas ou clubes de leituras. No entanto, Fernando Ramos, idealizador da FestiPoa Literária, dá uma dica de onde não procurar os responsáveis pela sólida movimentação. “É preciso deixar bem claro que se há algo de notável na cena literária local, isso não se dá por conta do poder público, mas apesar do poder público.”

O produtor cultural cita a falta de criação de novas bibliotecas e a manutenção das já existentes como um exemplo de “desleixo” das autoridades. Ramos diz que “a maioria dos projetos sérios na área da literatura em Porto Alegre parte de iniciativas privadas, e não do setor público: Livraria do Globo, Feira do Livro, Cirandar ONG, FestiPoa Literária, por exemplo, nasceram de iniciativas individuais ou de pequenos grupos de gente interessada em literatura. Esses eventos se mantêm até hoje por conta da dedicação de algumas pessoas, à revelia do poder público ou com mínimo apoio das administrações públicas”. Ramos ainda aponta que a Coordenação do Livro e Literatura de Porto Alegre é um exemplo de dedicação, “mas não tem verba nem pessoal suficiente para trabalhar como deveria”.

Já Luís Augusto Fischer avalia que o apoio para a literatura poderia ser

maior, no entanto, não considera tão negativa a atuação do poder público. “Talvez não seja uma lógica propositiva, mas é de fato uma lógica receptiva”, analisa ele, ao citar iniciativas como o Fumproarte, fundo municipal que presta apoio a projetos culturais selecionados por meio de edital público. O projeto “Autor Presente”, do Instituto Estadual do Livro, também é citado por Fischer e Petrarca como uma das iniciativas que fomentam a leitura de autores locais — desde 1972, o projeto leva escritores para falar sobre uma de suas obras em escolas da rede pública estadual e outras instituições.

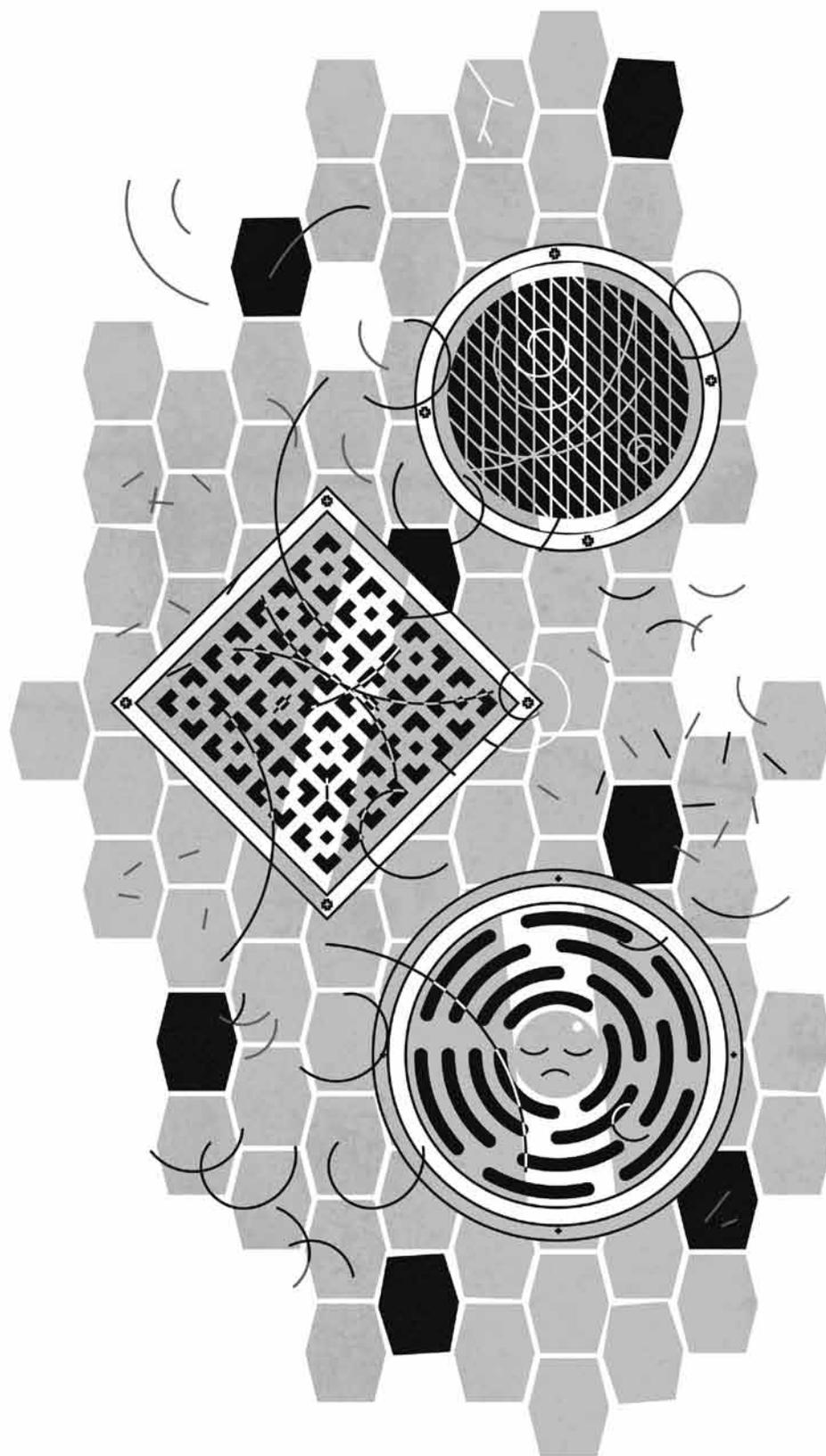
“O que talvez explique a movimentação literária em Porto Alegre é uma tradição e um ímpeto cultural mais aguçado para a literatura”, avalia Diego Petrarca. O poeta ainda aponta que “frequentar eventos e oficinas literárias é uma maneira de se envolver culturalmente em grupo, papel que em outros lugares pode ser suprido pela música ou outras artes, mas aqui a literatura é uma opção forte”.

Petrarca ainda cita o pioneirismo da PUCRS na implementação de mestrado e doutorado em Escrita Criativa como mais um indicativo do interesse em torno da produção literária. Ele ainda acrescenta que este é “um modo de instrumentalizar e profissionalizar o trabalho do escritor, o que tem colaborado com o desenvolvimento da atividade em Porto Alegre”.

A cena literária porto-alegrense não deixa de ser um reflexo do atual cenário da literatura brasileira: autores cada vez mais ligados a temáticas urbanas universais e um público adulto crescente e mais participativo em festivais e outros encontros literários. A diferença é o grau de intensidade dessas transformações. “Essas mudanças no contexto nacional acabam se potencializando em Porto Alegre por conta da tradição e do circuito literário já desenvolvido na cidade”, conclui Rosp. ■

RALO

Ocorre que me escorro
ultimamente
pelos ralos
em ralos pelos
emaranhados tufos
deste louro
que me é caro
e que na superfície
sempre mais lunar
do crânio
do couro
fica raso e raro
avaro
cheio de intervalos
e entradas
sem saída:
duas enseadas
de pura testa
frontes de uma guerra
piloglandular
funesta
perdida
Restam-me as quimeras
da finasterida
a ilusão dos anti-queda
no transplante uma esperança
uma espera
uma fé publicamente inassumida
a esmola dos que têm menos
os fantasmas nos espelhos
e o consolo de que os brancos
pelo menos esses
quando vierem
serão poucos



 **Diego Grando** nasceu em 1981. Publicou *Sétima do singular* (2012) e *Desencantado carrossel* (2008), além do livreto online *25 Rua do Templo* (2010), todos pela Não Editora. Vive em Porto Alegre (RS).

POEMA | JULIANA MEIRA

faço chover
peras

elas caem em
nossas cabeças

mentalmente devoramos letras
doce possibilidade

no poema chovem peras
mas tua presença não é verdade

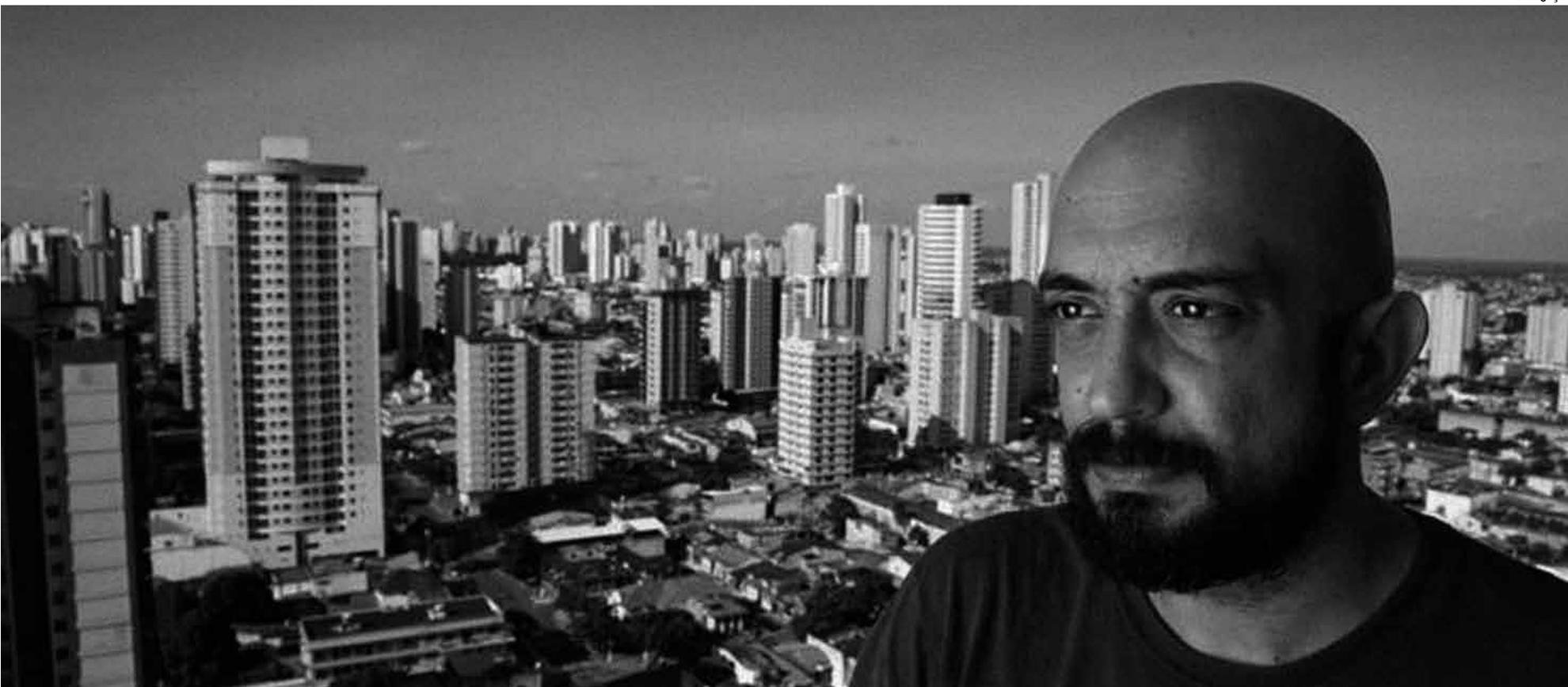
todas as palavras
com suas mutações
contagiam meu corpo

por isso sofro
desde a sombra
até o osso



Novo vigor da literatura paraense

Divulgação



O poeta Caco Ishak, que terá seu segundo livro, *Não precisa dizer eu também*, traduzido na Alemanha.

RUY BARATA NETO

Apesar da rica tradição e da produção literária recente, Belém tem um mercado editorial restrito, o que obriga seus autores a procurar visibilidade no eixo Rio-São Paulo”

Berço de uma importante geração modernista, o Pará tem tradição literária pouco explorada pelo mercado editorial brasileiro. Apesar disso, a cena local é dinâmica e nos últimos anos vem ganhando projeção com o surgimento de uma nova safra de autores lançados a partir de meados de 1990. O movimento tem garantido novo vigor à literatura paraense e começa a abrir portas para os autores no Brasil e no exterior.

No pelotão de frente do grupo está o tradutor e poeta Antônio Moura. Dono de uma poesia equilibrada e madura, nas palavras do professor de literatura paraense Paulo Nunes, Moura é visto como um dos principais poetas contemporâneos do Pará. Seu terceiro

livro, *Rio silêncio*, de 2004, está trilhando um caminho de sucesso. Na Inglaterra, conquistou o prêmio John Dryden, em 2008, específico para autores de língua estrangeira, e foi lançado comercialmente no país pela editora Arc Publications, no ano passado.

Há talentos ainda mais novos em plena fase de decolagem, como o jornalista e poeta Caco Ishak. Seu segundo livro de poesia, *Não precisa dizer eu também* — publicado este ano, já está sendo traduzido para o alemão. A obra chegou às mãos de Márcia Huber, tradutora paraense radicada na Alemanha, que convidou o austríaco Burkhard Sieber para viabilizar o lançamento do autor no país.

Além da poesia, esta nova cena também tem representantes em gêne-

ros como o romance, o conto, e a literatura infantojuvenil, que valem a pena serem descobertos. Na crítica literária, a escritora, poeta e ensaísta Éli-da Lima, destaca-se como um grande nome da nova produção paraense. Seu segundo livro, *Cartas ao Max: limiar afetivo da obra de Max Martins* — um dos mais importantes poetas paraenses da geração de modernistas dos anos 1940 e 1950 —, explora um tipo de crítica literária ainda rara no Brasil. Por meio de seus poemas e ensaios, Éli-da estabelece um diálogo criativo com a obra de Max que trafega no limiar entre a poesia e a crítica literária.

Cada um dos autores trilha seu próprio caminho por conta da desorganização da cena local. Carente de editoras,

boa parte do escoamento da produção local depende de iniciativas de órgãos públicos. Os que não embarcam nesse caminho, tentam abrir canais diretos com as editoras do eixo Rio-São Paulo. “Para quem está começando, a distribuição é um fator importante, mas em Belém ainda é uma lacuna”, diz Ishak, que lançou seus dois livros pela editora 7Letras, do Rio de Janeiro.

A boa repercussão da obra de Antônio Moura, que também está sendo traduzida para o alemão, catalão e espanhol, deve-se em parte às editoras do Sudeste. Após publicar o livro de estreia, *Dez* (1996), com recursos próprios, partiu em busca de editoras do eixo Rio-São Paulo para publicar os próximos títulos: *Hong Kong & outros poemas*, de 1999, editado pela Ateliê Editorial, de São Paulo, *Rio silêncio e A sombra da ausência*, de 2009, publicados pela Lummi Editor, também de São Paulo. “O Pará não tinha editora acessível”, conta Moura. “A saída era ir atrás das editoras do Sudeste.”

SOLUÇÕES CASEIRAS

Mas aos poucos o Pará já adquire uma estrutura maior de divulgação e escoamento da produção literária local. E isso ocorre por meio de iniciativas individuais dos próprios autores. Após romper contrato com a Lummi Editor, em 2010, Antônio Moura agora se dedica a consolidar sua própria editora: a Edições do Escriba. A empresa está sendo montada com o também poeta Márcilio Costa, que é de Marabá, município no sudeste do Estado e que é centro de produção literária do Pará junto com Belém, Bragança e Santarém.

Costa já trabalha com um projeto de difusão da literatura paraense, chamado “Sendas”, que promove encontros, leituras e palestras sobre a obra de escritores regionais, novos e consagrados. Um dos mais recentes eventos do projeto foi dedicado à escritora Maria



Antônio Moura é considerado um dos mais importantes poetas contemporâneos de Belém.

“É um esforço para sanar a falta de estrutura de divulgação e distribuição de obras no Pará.”

Antônio Moura, poeta

Lúcia Medeiros — uma das melhores contistas do Pará. Já integrada ao projeto, a Edições do Escriba publicou edições reduzidas, com certa de cinco contos, da obra de Maria Lúcia. “É um esforço para sanar a falta de estrutura de divulgação e distribuição de obras no Pará”, diz Moura. Ele acrescenta que inicialmente a editora fará publicações de poesias, mas naturalmente pretende ampliar o leque com o tempo.

A editora de Moura será a segunda empreitada do mercado editorial local. Hoje há apenas uma editora privada em atividade: a Paka-Tatu, montada em 2000. Dirigida por Armando dos Santos Alves Filho, a empresa tem conseguido manter catálogo

de autores locais, vendidos por meio de uma pequena livraria própria. Há parcerias com empresas de São Paulo para a comercialização das obras fora das fronteiras do Estado, o que tem sido um caminho útil para exportar os autores locais.

A divulgação da cena literária local também cresceu nos últimos anos. O poeta Vasco Cavalcante criou um novo portal de internet, o Cultura Pará (<http://www.culturapara.art.br/>), no qual se encontram trechos de obras, contatos e biografia dos principais autores paraenses. Há também novas revistas como a PZZ, de arte e cultura, comandada pelo poeta Carlos Pará, e a *Polichinello*, que procura ganhar força de penetração nacional.

GARGALOS

Apesar da musculatura adquirida recentemente, o Pará tem muitas carências. A primeira delas é o tamanho da Paka-Tatu. Por funcionar praticamente como uma microempresa, não dá conta de abraçar toda a demanda local. “Nossas vendas hoje nos permitem ganhos que, grosso modo, destinam-se à manutenção e funcionamento da editora. Pouco sobra para investimentos em novas obras. Muitos autores estão na fila de edição aguardando a publicação de sua obra. E isso nos gera certa inquietude”, diz Armando Filho.

Com uma oferta de escritores maior do que a capacidade local de es-

coar a produção, as editoras universitárias como Editora da Universidade Estadual do Pará (EDUEPa), da Federal do Pará (EDUFPA) e da Universidade da Amazônia (EdUnama) agem para além da literatura acadêmica, mas tem limitações para distribuir, por exemplo.

Isso joga a responsabilidade de desenvolver a cena no colo do Estado. O principal incentivador local de literatura é o Instituto de Artes do Pará (IAP) que viabiliza, por meio de editais literários, a publicação de diferentes gêneros — da poesia ao ensaio —, além de promover cursos de formação para escritores e agentes de leitura. A entidade também conduz

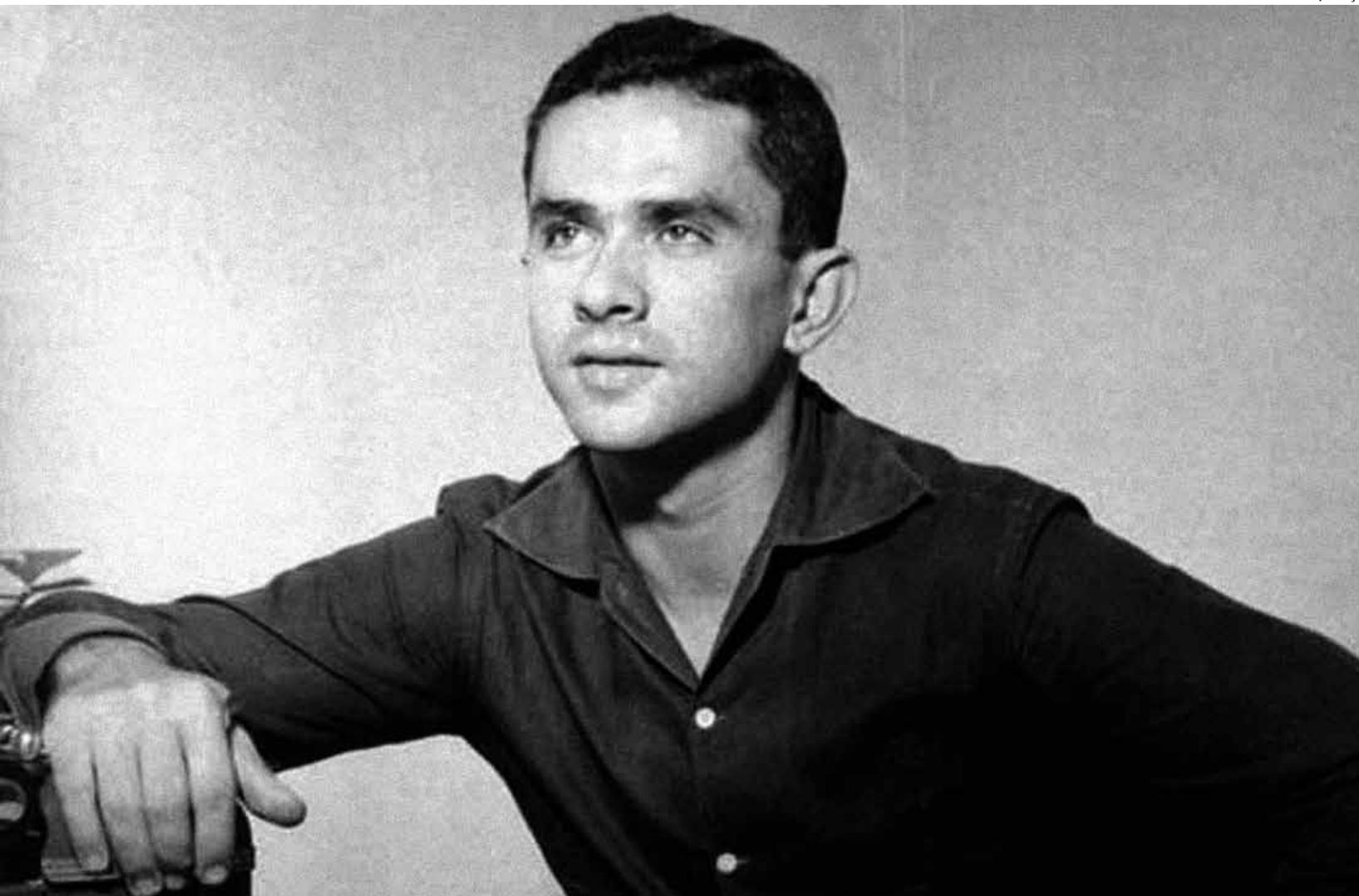
trabalhos de resgate da obra de literária de autores consagrados como o da geração do Central Café, no centro de Belém, a partir do início dos anos 1950. Entre eles, Mário Faustino, Ruy Barata, Paulo Plínio Abreu, Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Max Martins e outros.

Apesar de importantes, as ações do Estado têm as suas limitações, segundo o professor Paulo Nunes. “Falta uma política comprometida do Estado, como ocorre em outras unidades da Federação, para estabelecer convênios com editoras sérias e grandes que possam publicar, distribuir e divulgar seus autores célebres e que não encon-

tram mais mercado, a exemplo de Ruy Barata, Haroldo Maranhão, Dalcídio Jurandir, Max Martins, apenas para citar quatro nomes que estão fora dos catálogos de editoras e nada se faz”, critica Nunes.

Sem os grandes autores nas prateleiras, muitas das ações de promoção da literatura paraense ficam inócuas. Um dos principais eventos locais, a Feira Pan-Amazônica do Livro, que ocorre anualmente, em geral homenageia alguns dos grandes escritores paraenses. Ironicamente, não é raro constatar que o tão difundido autor praticamente não tenha exemplares do que escreveu disponíveis ao público. ■

Reprodução



Mario Faustino, autor de *O homem e sua hora*, nasceu no Piauí, mas realizou a maior parte de seus estudos em Belém.

POEMA | CARLOS CORREIA

NU DE VIDA

Veste meu nu um destino,
têcito de fios ilusão.
É porque desde menino
tenho no frio da pele emoção.

Já morri de sabiás,
sem pena, nu de colibri,
despido de não ser ave, mas
suave demais, trajando sofri.

Tanto pelo exposto,
posto pelo não ser.
Sem um pano pra cobrir o gosto,
nu de chover.

Pois peguei o destino pra veste
e me guardei em têxtil colorida.
Existir: um traje cor celeste.
Mas eu? Sempre nu de vida.



Carlos Correia Santos nasceu e mora há 38 anos em Belém (PA). É poeta, contista, dramaturgo e músico. É autor do livros *O baile dos versos* (poemas, 2000), *Poeticário* (poemas, 2005), *Velas na tapera* (romance, 2008), *Senhora de todos os passos* (romance, 2011) e *A aventura da encantada que chorava letras* (infantojuvenil, 2012).

Ilustrações: **Fulvio Pacheco**



DIABO DELICADO

Quando um demônio beija um colibri,
todo meu ardor voa com penas de anjo.
Minha paz é um demônio beijando um colibri,
um delicado diabo tocando banjo.

Quando leio a partitura dos gritos dos meus demônios,
entendo todo esse enorme inferno de ser feliz.
A alegria toca violinos de fogo nos meus sonhos
e faz demônios beijarem meus colibris.



RETRATO DE UM ARTISTA | DYONÉLIO MACHADO

DYONÉLIO TUBINO MACHADO

Dyonélio Tubino Machado nasceu em Quaraí (RS), em 1895. Romancista, contista, ensaísta, jornalista e psiquiatra, estreou na literatura em 1927, com os contos de *Um pobre homem*. A fim de participar de um prêmio literário, escreveu em 20 dias o romance *Os ratos*, publicado em 1935 e que se tornaria sua obra-prima. O livro recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, juntamente com obras de Erico Verissimo, Marques Rebelo e João Alphonsus de Guimaraens. Nesse mesmo ano, Machado é preso por sua opção política de esquerda, mas apenas na cadeia adere de fato ao Partido Comunista Brasileiro, pelo qual é eleito deputado constituinte em 1947. Logo em seguida o partido é posto na ilegalidade, e Dyonélio se afasta da cena política e literária, retornando somente em 1966, com a reedição de *Os ratos*. Sua obra alia preocupação estética ao retrato de personagens marginalizados da sociedade brasileira, com destaque para os romances *O louco do Cati* (1942), *Desolação* (1944) e a "Trilogia da libertação", composta por *Deuses econômicos* (1966), *Prodígios* (1980) e *Sol subterrâneo* (1981). Dyonélio faleceu em Porto Alegre, em 1985.

